

PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS CORÍNTIOS

AD EXPERIMENTUM

Texto provisório,
destinado à recolha de contributos dos leitores,
no sentido de aperfeiçoar a sua compreensibilidade.
Os comentários devem ser enviados para o endereço eletrónico:
biblia.cep@gmail.com

Versão de 1 agosto 2021

Introdução

Esta não é, muito provavelmente, a primeira carta que São Paulo escreveu aos cristãos de Corinto, apesar do título por que é conhecida. O próprio autor dá a entender que, antes desta, lhes enviou uma outra: *Escrevi-vos na carta que não vos misturásseis com promíscuos* (1Cor 5,9). Esta carta, tendo-se perdido, poderá ter sido integrada nas atuais 1Cor ou 2Cor. A breve referência parece mostrar que já antes tinham ocorrido situações na comunidade que obrigaram o apóstolo a intervir. De facto, quer a 1Cor, quer, de resto, todas as cartas do NT, paulinas e outras, são escritos de circunstância, pois respondem a questões comunitárias. Assim, uma correta interpretação das palavras do apóstolo deve ter em conta tal contexto.

A cidade de Corinto

Corinto situava-se no estreito a que dá o nome, e que dividia a Grécia continental da província do Peloponeso. Era, por isso, servida por dois portos, o de Lequeu (no mar Jónio) e o de Cêncreas (no Egeu). Dominada pelo Acrocorinto, um promontório visível ao longe, tinha uma localização que muito contribuiu para o papel estratégico que, do ponto vista militar, político e social, a cidade já desempenhava há vários séculos.

Opondo-se, desde o início, ao domínio romano, foi por isso arrasada em 146 a.C.. Sendo reconstruída por Júlio César, um século depois (ano 44 a.C.), em 27 d.C. tornou-se a capital da província senatorial da Acaia. Foi, entretanto, crescendo até atingir, segundo informação do geógrafo e historiador Estrabão (64/5 a.C. – c. 24 d.C.), cerca de cem mil habitantes.

Depois da reconstrução, começou por ser constituída mormente por veteranos romanos e escravos libertos, o que contribuiu para que tivesse uma população muito diversificada, do ponto de vista social, cultural e religioso. Muitos dos imigrantes, em especial os oriundos das províncias orientais do Império, trouxeram consigo novos cultos religiosos que, juntamente com os locais e os romanos, deram origem a um forte sincretismo religioso, ou seja, à fusão de diversas tradições e práticas religiosas. Entre os mais populares estavam os cultos místéricos, que na sua origem tinham uma ligação muito forte a rituais relacionados com a fecundidade e a fertilidade. Este carácter de uma certa liberalidade sexual levou a que Corinto, aliás como era típico em cidades portuárias do mundo antigo, se tornasse célebre pela prática da prostituição, ao ponto de se inventar o verbo *korinthiázomai* (*corintizar-se*) com o significado

de *prostituir-se* ou *frequentar prostitutas*. Outro fator de atração, além do comercial e religioso, eram os jogos ístmicos, realizados de dois em dois anos e que, em número de participantes, competiam com os olímpicos de Atenas. A língua da burocracia e da administração era o latim, mas a falada na rua e pelas elites culturais era o grego.

A comunidade cristã de Corinto

Numa cidade tão cosmopolita e aberta como Corinto, onde havia uma numerosa comunidade judaica, foi relativamente fácil para Paulo formar uma comunidade cristã. Fê-lo, segundo At 18,1-18, durante a sua segunda viagem missionária. Tendo em conta o seu encontro com Galião (At 18,12), procônsul da província da Acaia nos anos 51-52, Paulo teria chegado a Corinto, proveniente de Atenas, nesta janela temporal. Como habitualmente, o apóstolo começou por anunciar o evangelho na sinagoga local, não só aos judeus de raça, mas também aos chamados *tementes a Deus*, pagãos que confessavam a unicidade de Deus e aderiam à Lei de Moisés sem, contudo, se circuncidarem. É em casa de um destes que, por causa do conflito com a sinagoga, Paulo reúne a comunidade, dando origem a uma igreja doméstica. Permaneceu dezoito meses em Corinto, fundando e consolidando a comunidade. Contou para isso, desde o início, com a colaboração do casal Priscila e Áquila, judeo-cristãos expulsos de Roma, no contexto da expulsão dos judeus no ano 49 d.C.. Para sobreviver, dedicava-se, tal como eles, ao fabrico de tendas, já que, numa primeira fase, não queria receber qualquer remuneração pela atividade evangelizadora (cf. 1Cor 9; 1Ts 2,9). No entanto, para se poder dedicar exclusivamente à evangelização, acabou por aceitar a ajuda financeira que as comunidades da Macedónia lhe enviaram por meio de Silas e Timóteo (cf. At 18,5; 2Cor 1,19; 11,7ss).

A comunidade de Corinto era constituída por pessoas de todos os níveis culturais e sociais, com predomínio dos mais desfavorecidos, na maioria escravos (cf. 1Cor 1,26-28). No seu crescimento tiveram particular importância não só a mensagem cristã em si, mas também a estrutura fortemente doméstica da comunidade, que criava estreitos laços entre os seus membros, dando-lhes um forte sentido de pertença.

Não foram fáceis os primeiros tempos da vida da comunidade: no início, por causa da crescente oposição dos judeus, e depois, à medida que a evangelização se foi alargando aos gentios, pelo embate com a mundividência pagã, com a sua filosofia e vivências religiosas próprias. Estes problemas agudi-

zaram-se depois da partida de Paulo que, de Éfeso, sente a necessidade de escrever a 1Cor, esclarecendo algumas questões que surgiram no seio da comunidade.

O contexto e a estrutura da carta

Na origem da 1Cor estão informações transmitidas pessoalmente a Paulo por membros da comunidade, que também traziam consigo cartas com várias questões postas pelos cristãos de Corinto (cf. 1Cor 1,11; 16,17s). Os problemas têm sobretudo a ver com a questão da inculturação da mensagem cristã num novo meio ambiente, muito diferente do contexto semita, e numa fase embrionária do cristianismo, ainda sem a estruturação doutrinal e comunitária que, de resto, durou séculos a fixar-se. Era, por isso, expetável que, na ausência de Paulo, surgissem as incertezas, dúvidas e escândalos a que ele alude na carta. Os temas são, pois, variados, mas abordados pelo apóstolo, mais ou menos explicitamente, sob um denominador comum: a centralidade de Jesus Cristo, tal como é anunciado no evangelho. Assim, a carta está estruturada da seguinte forma:

Introdução (1,1-9)

Corpo da carta (1,10-15,58)

- I. Divisões na comunidade (1,10-4,21)
- II. A questão do incesto (5,1-13)
- III. Questões entre os membros da comunidade (6,1-20)
- IV. Matrimónio e virgindade (7,1-40)
- V. As carnes imoladas aos ídolos (8,1-11,1)
- VI. Abusos nas assembleias litúrgicas (11,2-34)
- VII. Os carismas (12,1-14,40)
- VIII. A ressurreição (15,1-58)

Conclusão (16,1-24)

INTRODUÇÃO (1,1-9)

1 Saudação

¹Paulo, chamado a ser^a apóstolo de Cristo Jesus por vontade de Deus, e o irmão Sóstenes^b, ²à Igreja de Deus que está em Corinto^c, aos que foram santificados em Cristo Jesus, chamados a ser santos^d, juntamente com todos os que invocam, em qualquer lugar, o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor^e deles e nosso: ³a vós, a graça e a paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.

Ação de graças (1,4-9)

⁴Dou sempre graças^f ao meu Deus a vosso respeito, pela graça de Deus que vos foi dada em Cristo Jesus. ⁵Porque nele fostes em tudo enriquecidos: em toda a palavra e em todo o conhecimento. ⁶Deste modo foi confirmado em vós o testemunho de Cristo, ⁷de tal forma que não vos falta carisma^g algum, a vós

^a *A ser* é acrescento da tradução, tal como no v.2. A carta começa, segundo o esquema comum no mundo clássico, com remetente (v.1), destinatários (v.2) e saudação (v.3), adaptado, contudo, à carta apostólica (género criado por Paulo) e ao conteúdo da carta: ao nome do remetente, Paulo acrescenta a condição e autoridade apostólicas e ainda o nome do colaborador que estava com ele; nos destinatários, realça a santidade deles e alarga o seu âmbito a uma dimensão universal; na saudação substitui *alegrar-se* (comum entre os gregos) por *graça* (que em grego têm a mesma raiz), central na mensagem cristã, acrescentando-lhe *paz* (da saudação judaica) e ainda a origem divina destes dons (cf. Cl 1,1; Gl 1,15; 2Cor 1,1; Ef 1,1; 2Tm 1,1).

^b Sóstenes parece ser o mesmo que é referido em At 18,17, que como *irmão* é assim associado à missão apostólica de Paulo, exercida também por carta. A não referência a Timóteo (cf. 2Cor 1,1) poderá sugerir que este já estaria a caminho de Corinto (cf. 1Cor 4,17; 16,10s).

^c *Igreja* (do grego *ekklēsia* = *assembleia [convocada]*), formado a partir do verbo *kalēō, chamar; convocar*) refere-se aqui à comunidade local, convocada sobretudo para a eucaristia (cf. 11,18). Nas cartas deuteropaulinas aplica-se também à Igreja universal.

^d *Chamados a ser santos*, isto é, *consagrados* a Deus (o *Santo* por excelência); trata-se, pois, de um dom da misericórdia divina, recebido no batismo, e não fruto dos méritos pessoais (cf. 1Cor 2,2.24; Rm 1,6.7; 8,28; At 2,21; Jl 3,5; 2Ts 2,22); os batizados são assim santificados e chamados à salvação (1Cor 7,15.22; Gl 1,6; 5,13; 1Ts 4,7) e à glória (Rm 8,28; Fl 3,14; 1Ts 2,12).

^e *Senhor* é acrescento da tradução.

^f Em grego *eukharistō (dou bem graças)*; cf. Rm 1,8; Fl 1,3; 1Ts 1,2; 2Ts 1,3; Ef 5,20; Cl 1,3; Flm 4; Rm 12,6), que é a resposta humana à divina *graça* (em grego *kháris*). A ação de graças, habitual nas cartas de Paulo (exceto em Gl), visava também captar a benevolência dos destinatários.

^g Em grego *khárisma*, composto a partir de *kháris (graça)*; refere-se a um dom concedido por Deus (cf. 7,7; 12,4.9.28.30.31; 2Cor 1,11; Rm 1,11; 5,15.16; 6,23; 11,29; 12,6; 1Tm 4,14; 2Tm 1,6; 1Pd 4,10).

que aguardais ansiosamente a revelação^h de nosso Senhor Jesus Cristo. ⁸É também Ele que vos manterá firmes até ao fim, para serdes irrepreensíveis no dia de nosso Senhor Jesus Cristo. ⁹Fiel é Deus, por quem fostes chamados para a comunhão do seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor.

CORPO DA CARTA (1,10-15,58)

I. DIVISÕES NA COMUNIDADE (1,10-4,21)

Denúncia das divisões

¹⁰Exorto-vos, irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, a que tenhais todos a mesma linguagemⁱ e não haja divisões entre vós, permanecendo unidos no mesmo modo de pensar e de entender^k. ¹¹Com efeito, meus irmãos, fui informado a vosso respeito, pelos de Cloé^l, de que existem discórdias entre vós. ¹²Digo isto porque, entre vós, um diz: «Eu sou de Paulo»; outro: «Eu sou de Apolo»^m; outro: «Eu sou de Cefas»ⁿ; e outro: «Eu sou de Cristo».

¹³Estará Cristo dividido? Porventura foi Paulo quem foi crucificado em favor de vós, ou foi no nome de Paulo que fostes batizados? ¹⁴Dou graças a Deus porque não batizei nenhum de vós, a não ser Crispo^o e Gaio, ¹⁵para que ninguém possa dizer que fostes batizados no meu nome. ¹⁶Batizei também a casa de Estéfanos; de resto, não sei se batizei mais alguém.

^h Em grego *apokálypsis*, de *apó-* (prefixo de negação) + *kalýptō* (*esconder, velar*), ou seja, o ato de *des-velar*.

ⁱ Refere-se ao *dia do Senhor* anunciado pelos profetas (Am 5,18; Jl 3,4; cf. At 2,20).

^j Lit.: *digais todos o mesmo*.

^k Lit.: *no mesmo pensamento e no mesmo entendimento*.

^l Alusão aos escravos e aos familiares de uma mulher cristã chamada Cloé, de quem não temos mais notícia.

^m Apolo, homem eloquente e versado nas Escrituras, era originário de Alexandria (At 18,24-19,1) e pregou em Corinto na ausência de Paulo (1Cor 3,6). Estava também em Éfeso quando o apóstolo escreveu 1Cor (1Cor 16,12).

ⁿ Em grego *Kephas* (do aramaico *kefa*: *pedra*; cf. Jo 1,42); é o nome com que Paulo se refere habitualmente a Pedro (1Cor 3,22; 9,5; 15,5; Gl 1,18; 2,19.11.14).

^o Crispo era o chefe da sinagoga em Corinto (At 18,8).

A palavra da cruz, sabedoria e poder de Deus^a

¹⁷De facto, Cristo não me enviou a batizar mas a anunciar o evangelho^b; não, porém, com sabedoria de palavras, a fim de não se esvaziar a cruz de Cristo^c.

¹⁸Com efeito, a palavra da cruz é loucura^d para os que se perdem; mas, para os que são salvos – para nós – é poder de Deus^e. ¹⁹Pois está escrito:

*Destruirei a sabedoria dos sábios
e anularei a inteligência dos inteligentes^f.*

²⁰Onde está o sábio? Onde está o doutor da lei? Onde está o que investiga as coisas deste tempo? Porventura Deus não tornou louca a sabedoria do mundo? ²¹De facto, uma vez que o mundo, na sabedoria de Deus, não conheceu Deus por meio da sabedoria, aprouve a Deus salvar os que acreditam por meio da loucura da pregação. ²²Enquanto os judeus pedem sinais^g, e os gregos procuram sabedoria, ²³nós proclamamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os pagãos^h. ²⁴Mas para os que foram chamados, sejam eles judeus ou gregos, Cristo é poder de Deus e sabedoria de Deus; ²⁵porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens, e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens.

^a Paulo passa a mostrar como as divisões na comunidade contradizem o cerne do evangelho, a que ele chama *palavra da cruz*, uma expressão única no NT, que se refere ao paradigma divino manifestado na cruz. O apóstolo fundamenta esta tese (1,17s) com a Escritura (1,19-25), a formação e composição da comunidade (1,26-31), o modo como anunciou o evangelho em Corinto (2,1-5) e, de novo, com a Escritura (2,6-16).

^b Paulo não diminui a importância do batismo, mas sublinha que este pressupõe e confirma a evangelização e a fé, constituindo-se, por isso, como vivência sacramental do evangelho (cf. Rm 6,3-9).

^c Isto é, o mistério do amor revelado na cruz de Cristo é de tal forma inefável que nem a sofisticação da filosofia e da retórica o conseguirão expressar, correndo o risco até de esvaziar o seu verdadeiro sentido.

^d Sobre este epíteto paradoxal, sobre *a palavra da cruz*, cf. Is 52,13-53,12; Jo 3,14; 8,28; 12,32.34; 19,37; Zc 12,10; Nm 21,4-9.

^e Os vv.18s constituem um argumento que Paulo aprofundará até ao fim do cap.4.

^f Com a autoridade da Escritura (cf. Is 29,14 LXX; Sl 33[32],10), Paulo procura não tanto opor sabedorias, mas demonstrar as implicações da lógica da cruz (que é motivo de escândalo para os que se perdem, e causa de salvação para os que acreditam). Fá-lo a partir de uma *gezerah chawah* (técnica de exegese rabínica que relaciona duas ou mais passagens da Escritura).

^g Ou seja, ações poderosas de Deus, tradicionalmente referidas como “milagres”.

^h *Escândalo* na medida em que, para os judeus, o crucificado era visto como um maldito (Dt 21,22s), e *loucura* para os pagãos, pois para estes era muito pouco concebível que um deus pudesse ter adoptado uma forma humana, para depois sofrer e morrer.

A palavra da cruz na constituição da comunidade

²⁶Considerai, com efeito, irmãos, o vosso chamamentoⁱ: não são muitos os sábios segundo a carne, nem muitos os poderosos, nem muitos os bem-nascidos. ²⁷Mas Deus escolheu o que é louco segundo o mundo, para envergonhar os sábios; Deus escolheu o que é fraco segundo o mundo, para envergonhar o que é forte^j; ²⁸Deus escolheu o que, segundo o mundo, é insignificante e desprezível - que não o é - para destruir aquilo que, de facto, o é, ²⁹a fim de que ninguém^k se glorie diante de Deus. ³⁰É por Ele que vós estais em Cristo Jesus, que se tornou para nós^l sabedoria que vem de Deus, justificação, santificação^m e redenção, ³¹para que, tal como está escrito: *Quem se gloria, glorie-se no Senhor*ⁿ.

2 A palavra da cruz na pregação de Paulo em Corinto

¹Quando eu fui ter convosco, irmãos, não me apresentei com superioridade de palavras ou de sabedoria^o para vos proclamar o mistério de Deus. ²Com efeito, entre vós nada julguei saber, a não ser Jesus Cristo, e Cristo crucificado^p. ³Apresentei-me junto de vós com fraqueza, com temor e com grande tremor. ⁴A minha palavra e a minha pregação não consistiram em persuasivas palavras de sabedoria, mas numa demonstração^q do Espírito e do poder, ⁵para que a vossa fé não esteja na sabedoria dos homens, mas no poder de Deus.

ⁱ Paulo apresenta a própria comunidade como lugar concreto onde se manifesta a *sabedoria da cruz*.

^j A pobreza e a debilidade não são um obstáculo, mas lugar teológico da revelação sapiencial de Deus. Mantém-se assim os critérios da sabedoria divina, que inverte a lógica do mundo, elegendo pobres e simples.

^k Lit.: *toda a carne*, semitismo que expressa o ser humano nas suas limitações e debilidades.

^l No sentido de *em nosso favor* (cf. Rm 5,8; 8,31; 1Cor 1,13; 11,24; 2Cor 5,14.21; Gl 2,20; 3,13; 1Tm 2,6).

^m Cristo não é apenas santo, mas é nele e por Ele que se realiza a santificação proporcionada por Deus.

ⁿ Jr 9,22s (LXX), que guia toda a argumentação.

^o O apóstolo refere-se ao poder persuasivo da retórica então em uso, que ele rejeita, por esta tentar convencer a partir dos artifícios empregues, e não pelo conteúdo do discurso. Pelo contrário, a argumentação de Paulo fundamenta-se no *éthos* (carácter), ou seja, não nos critérios da eloquência, mas nos da autenticidade da sua própria vida. Por isso, a argumentação da *palavra da cruz* parte também da sua experiência de debilidade e de sofrimento por causa do anúncio do evangelho.

^p Lit.: *e este crucificado*.

^q A *demonstração* é um termo da retórica antiga, uma afirmação apodítica (irrefutável), uma *evidens probatio* (prova evidente). Cf. Quintiliano, *Inst. Orat.* V,10.19; *3Mac* 4,20; *4Mac* 3,19. Paulo argumenta aqui do efeito (fraqueza, medo e tremor) para a causa (a cruz de Cristo).

A palavra da cruz, verdadeira sabedoria

⁶No entanto, é de sabedoria^a que falamos entre os perfeitos^b. Uma sabedoria, porém, que não é deste tempo, nem dos chefes deste tempo que estão a ser reduzidos a nada^c. ⁷Pelo contrário, falamos da sabedoria de Deus, escondida em mistério que, já antes dos séculos^d, Deus tinha predestinado para nossa glória, ⁸e que nenhum dos chefes deste tempo conheceu, pois, se a tivessem conhecido, não teriam crucificado o Senhor da glória^e. ⁹Mas tal como está escrito: *O que o olho não viu e o ouvido não escutou^f* e não subiu ao coração do homem, é o que Deus preparou para aqueles que o amam.

¹⁰Ora, foi a nós que Deus o revelou através do Espírito^g, pois o Espírito tudo perscruta, até as profundezas de Deus. ¹¹De facto, quem, de entre os homens, conhece o que é do homem, senão o espírito do homem que nele existe? Assim também ninguém conhece o que é de Deus, senão o Espírito de Deus. ¹²Ora, nós não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que vem de Deus, para conhecermos o que nos foi dado por Deus como graça. ¹³E é disso que falamos, não com palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas com as ensinadas pelo Espírito^b, interpretando as coisas espirituais com aquilo que é espiritualⁱ. ¹⁴O homem natural^j não aceita as coisas que vêm do Espírito de Deus, pois são para ele uma loucura e não as pode compreender, porque só espiritualmente podem ser julgadas. ¹⁵O homem^k espiritual, porém, julga todas as coisas, enquanto ele próprio não é julgado por ninguém.

^a Paulo volta ao tema da sabedoria (cf. 1,18ss), para distinguir definitivamente a humana da divina, sendo esta última a única capaz de entender a ação de Deus na cruz de Cristo. Em 2,6-9 expõe a condição e origem divinas de Jesus, e em 2,10-16 a sua revelação aos crentes, possuídos pelo Espírito de Deus. Cada parte termina com a autoridade de uma citação bíblica.

^b É a perfeição na fé, que os causadores das divisões mostravam não ter (cf. 3,1-4).

^c Deste v. até 3,4 a argumentação é pneumatológica (a partir do Espírito). Cf. Is 40,13.

^d No grego *aiōniōn* (*eras, idades, tempos, períodos*); trata-se da mesma palavra usada na expressão *chefes deste tempo* nos vv.6.8.

^e *O Senhor da glória* é um título do Sl 24,8 (cf. *1En* 63,2).

^f Is 64,3.

^g É o Espírito Santo, que está na base de termos como (homem) *espiritual*, i. e., por Ele possuído (2,13.15; 3,1), ou *espiritualmente*, i. e., segundo as capacidades e critérios do Espírito (2,14).

^h Lit.: *não em ensinadas palavras de humana sabedoria, mas em ensinadas de espírito*.

ⁱ Ou: *interpretando as coisas espirituais para os [homens] espirituais*.

^j Lit.: *o homem psíquico*, i. e., incapaz de, assim como o homem carnal (em 3,1), por si só atingir o transcendente.

^k *Homem* é acresceto da tradução.

¹⁶Pois quem conheceu o pensamento do Senhor,
para o poder instruir?¹

Nós, porém, temos o pensamento de Cristo.

3 Imaturidade na fé: causa das divisõessm

¹Eu, no entanto, irmãos, não pude falar-vos como a homens espirituais mas como a homens carnisⁿ, como a crianças em Cristo. ²Dei-vos leite a beber e não alimento sólido, pois ainda não éreis capazes de o digerir^o. Contudo, nem mesmo agora o sois, ³por serdes ainda carnis. Com efeito, se entre vós existe ciúme e discórdia, não será porque ainda sois carnis^p e vos comportais^q à maneira humana? ⁴Pois quando alguém diz: «Eu sou de Paulo», e outro: «Eu sou de Apolo», não estareis a pensar apenas com critérios humanos^r?

O alicerce do ministério e da comunidade

⁵Ora, quem é Apolo? E quem é Paulo?^s Servidores^t – por meio dos quais acreditastes – e cada um conforme o Senhor lho concedeu: ⁶eu plantei, Apolo regou, mas era Deus quem fazia crescer. ⁷Assim, nem o que planta nem o que rega são alguma coisa, mas apenas Deus, que faz crescer. ⁸O que planta e o que rega formam um só; cada um, porém, receberá a sua recompensa conforme o seu trabalho. ⁹De facto, somos colaboradores de Deus, e vós sois campo culti-

¹ Is 40,13 (LXX).

^m Paulo desenvolve este tema em três tempos: 1) servindo-se das imagens, aplicadas a si próprio, do progenitor que alimenta (3,1-4); 2) utilizando as imagens do agricultor e do construtor (3,5-18); 3) retomando o tema da sabedoria (3,18-21).

ⁿ *Homens*, nas duas ocorrências, é acresceto da tradução. A *carne*, oposta a espírito, fonte de vida, exprime a condição débil e caduca do ser humano, e Paulo argumenta que, quando domina a vontade humana, torna-se ocasião de pecado, excluindo Deus e a vitalidade que só Ele pode dar e originando divisões na comunidade.

^o *De o digerir* é acresceto da tradução.

^p Esta *carnalidade* opõe-se à dimensão espiritual (*segundo Deus*) de 2Cor 7,9s.

^q Lit.: *caminhais*.

^r Lit.: *não sois homens?* A falta de referência a Pedro poderá ser sinal de que a maior divisão era entre as «facções» de Apolo e Paulo.

^s Deste v. até ao v.17, a argumentação é eclesiológica e constitui como que uma refutação das críticas de 1,18s.

^t *Servidores* traduz o plural do grego *diákonos* em que, etimologicamente *diá* expressa *mediação* de algo *comum* (*koinós*): no caso presente é o evangelho que é comum a Deus (que chama e envia a anunciá-lo), ao apóstolo (que o encarna para o anunciar) e à comunidade (que, ao acolhê-lo pela fé, recebe a salvação nele transmitida). *Servidores* é, assim, a palavra-chave nestes vv. 5-17.

vado de Deus, edificação de Deus. ¹⁰Segundo a graça de Deus que me foi dada, eu, como sábio arquiteto, coloquei o alicerce; é outro, porém, que edifica. Mas veja cada um como edifica. ¹¹Pois ninguém pode colocar outro alicerce para além daquele que já está assente, que é Jesus Cristo. ¹²E se alguém, sobre o alicerce, edifica com ouro, prata, pedras preciosas, madeiras, erva ou palha, ¹³a obra de cada um tornar-se-á visível. O dia do Senhor^a a tornará conhecida, porque se revelará no fogo^b, e o fogo examinará de que género é a obra de cada um. ¹⁴Se a obra que alguém edificou subsistir, esse receberá recompensa; ¹⁵se a obra de alguém for queimada, esse ficará arruinado, mas será salvo, ainda que através do fogo. ¹⁶Não sabeis que sois templo^c de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? ¹⁷Se alguém destrói o templo de Deus, Deus o destruirá. É que o templo de Deus é santo, e vós sois esse templo^d.

Apelo a deixar-se guiar pela sabedoria divina

¹⁸Que ninguém se engane a si mesmo: se alguém de entre vós, segundo os critérios deste tempo, pensa ser sábio, torne-se louco para se tornar sábio, ¹⁹porque a sabedoria deste mundo é loucura perante Deus. De facto, está escrito: *Ele apanha os sábios na sua astúcia^e*; ²⁰e ainda: *O Senhor conhece os pensamentos dos sábios, sabe que são fúteis^f*.

²¹Assim, que ninguém se glorie nos homens; pois tudo é vosso: ²²seja Paulo, seja Apolo, seja Cefas; seja o mundo, seja a vida, seja a morte; sejam as coisas presentes, sejam as que estão para vir. Tudo é vosso, ²³mas vós sois de Cristo, e Cristo é de Deus^g.

^a Lit.: *o dia*. Referência ao dia do juízo, do julgamento divino (cf. Am 5,18).

^b O fogo é um elemento purificador (cf. Is 2,12; 26,11; Jr 46,10; Dn 7,9-11).

^c No grego *naós*, a parte interior do templo de Jerusalém onde se encontrava o *Santo dos Santos*, no qual estava a arca da aliança; Paulo aplica o termo à comunidade (cf. 2Cor 6,16), na comunhão que, em Deus, une os seus membros. Esta é uma diferença fundamental face aos essênios, para os quais a presença de Javé era apenas espiritual (cf. *IQS* 8,4-9; 9,3-5). Esta sacramentalidade do corpo podia ser estranha à mentalidade helénica de Corinto, que parecia separar a vida religiosa da vida moral.

^d Lit.: *o qual sois vós*.

^e Jb 5,13.

^f Sl 94,11. *Sabe* é acrescento da tradução.

^g Paulo inverte aqui o princípio estoico de que *todas as coisas pertencem aos sábios* (Diógenes Laércio, *Vit.* 7,125).

4 A deontologia do ministério apostólico

¹Assim, que cada um nos considere como ministros de Cristo e administradores dos mistérios de Deus^h. ²Ora, é isto, de resto, o que se procura nos administradores: que cada um se mostreⁱ fiel. ³Quanto a mim, pouco me importa ser julgado por vós ou por um tribunal humano^j. Aliás, nem eu me julgo a mim mesmo, ⁴pois de nada me acusa a consciência. No entanto, não é com isto que fico justificado: quem me julga é o Senhor. ⁵Por isso, nada julgueis antes do tempo, até que venha o Senhor, que há de iluminar o que está escondido nas trevas e tornar manifesto os desígnios dos corações. Então, sim, cada um receberá o louvor da parte de Deus.

A arrogância da comunidade e a fraqueza do apóstolo

⁶Foi por vossa causa, irmãos, que apliquei isto a mim mesmo e a Apolo: para que aprendais connosco a «não ir além do que está escrito»^k, e para que ninguém se torne arrogante^l, tomando partido de um contra o outro. ⁷Com efeito, quem é que te faz diferente dos outros^m? Que tens tu, que não tenhas recebido? E, se o recebeste, porque te glorias como se não o tivesses recebido? ⁸Já estais saciados, já enriquecesteis! Reinastes sem nós! Quem dera que, de facto, tivésseis reinado, para que também nós reinássemos convosco. ⁹Penso, de facto, que Deus nos apresentou a nós, os apóstolos, entre os últimos, como condenados à morte, porque nos tornámos espetáculo para o mundoⁿ, para os anjos e para os homens. ¹⁰Nós somos loucos por causa de Cristo, e vós sensatos em Cristo; nós somos fracos, e vós fortes; vós sois estimados, e nós desprezados. ¹¹Até agora temos passado fome e sede e andado quase nus; te-

^h Paulo encerra o tema das divisões da comunidade (1,10-4,21), defendendo-se de ataques contra si próprio: rejeita juízos humanos sobre a sua condição e atividade apostólicas (4,1-5), à arrogância dos Coríntios opõe a sua labuta apostólica (4,6-13), e clarifica a sua relação pessoal com a comunidade (4,14-21). Ao apresentar-se, no início, como *ministro* e *administrador* indica já que só Deus o pode julgar.

ⁱ Lit.: *que seja encontrado*.

^j Lit.: *pelo humano dia*.

^k Paulo cita provavelmente um provérbio (cf. Rm 12, 3) e aplica-o à palavra de Deus da Escritura, para dizer que o comportamento, seu e de Apolo, está de acordo com a sabedoria de Deus nela revelada. Introduce assim o que expõe a seguir: à atitude arrogante dos coríntios, causadora das divisões (4,7s), opõe o seu procedimento apostólico em que se manifesta o sofrimento e a morte do crucificado, anunciando-o na sua própria carne (4, 9-12).

^l Lit.: *se inche* (como em 4,18).

^m *Dos outros* é acrescento da tradução.

ⁿ Possível referência aos espetáculos públicos romanos, nos quais muitas vezes os condenados à morte eram lançados às feras.

mos sido esbofeteados, vivemos sem morada certa ¹²e afadigamo-nos a trabalhar com as próprias mãos; insultados, bendizemos; perseguidos, resistimos; ¹³difamados, consolamos. Até agora, fomos como que o lixo do mundo, a esócia de todos.

A relação de Paulo com a comunidade e visita de Timóteo

¹⁴Não é para vos envergonhar que escrevo estas coisas, mas para vos admoestar como a meus filhos amados. ¹⁵Com efeito, mesmo que tivésseis dez mil pedagogos^a em Cristo, não teríeis muitos pais, pois fui eu que vos gerei em Cristo Jesus por meio do evangelho. ¹⁶Por isso, exorto-vos: sede meus imitadores! ¹⁷Foi por causa disso que vos enviei Timóteo^b, que é meu filho amado e fiel no Senhor; ele vos recordará os meus caminhos em Cristo Jesus, tal como os ensino por toda a parte, em cada Igreja.

¹⁸Julgando que^c eu não voltaria a ir ter convosco, alguns tornaram-se arrogantes. ¹⁹Porém, em breve irei ter convosco, se o Senhor assim quiser, e ficarei a conhecer não o discurso dos que ficaram arrogantes, mas o seu poder. ²⁰Pois o reino de Deus não consiste em palavras, mas em poder. ²¹Que quereis? Que vá ter convosco com uma vara, ou com amor e espírito de mansidão?

II. A QUESTÃO DO INCESTO (5,1-13)

5 A denúncia e condenação de um caso

¹Por todo o lado se ouve dizer que há promiscuidade entre vós, e uma promiscuidade de tal ordem que nem entre os pagãos existe^d: um de vós tem uma

^a A função de pedagogo, normalmente exercida por um escravo, era educativa, acompanhando o desenvolvimento da criança ou do jovem (cf. Gl 3,4). Paulo pensa provavelmente em Apolo, já que para si reserva a função de *pai*: só ele, pelo evangelho que anunciou, vivendo-o, foi a razão do nascimento da comunidade. Daí a autoridade a que se arroga.

^b Timóteo, que já era conhecido da comunidade de Corinto (1Ts 3,2), é associado a Paulo em pelo menos quatro introduções das cartas do apóstolo (1Ts 1,1; 2Cor 1,1; Fl 1,1; Flm 1; cf. Rm 16,21; 2Ts 1,1; Cl 1,1), o que indica a estreita cooperação entre ambos. Cf. At 16,1-3; 17,14s; 18,5; 19,22; 20,4.

^c *Julgando que* é acrescento da tradução.

^d Começa aqui a descrição de muitos problemas morais que afetam a comunidade e que também eram conhecidos pelo judaísmo da diáspora (Lv 18,7s; 20,1; Dt 23,1; 27,20; Jub 33,1-9; Test. Ruben 1,6; 3,11-15; Test. Jud. 14,4s; Filon, *Spec. Leg.* 3,12-13; 3,21; *IQT* 66,11-12; Flávio Josefo, *Ant. Jud.* III,274-275).

relação íntima com^c a mulher do seu pai. ²E vós continuais arrogantes^{f!} Não devíeis antes lamentar-vos, para que seja retirado do meio de vós quem pratica tal ação? ³Pois eu – ausente em corpo, mas presente em espírito – já julguei, como se estivesse presente, quem assim agiu: ⁴no nome do nosso Senhor Jesus – estando vós e o meu espírito reunidos com o poder do nosso Senhor Jesus – ⁵que tal homem seja entregue a Satanás para a destruição da carne, a fim de que o espírito seja salvo no dia do Senhor.

⁶Não é boa a vossa vanglória. Não sabeis que um pouco de fermento fermenta toda a massa^{g?} ⁷Purificai-vos do velho fermento, para serdes uma nova massa, uma vez que sois pães ázimos^h. Pois Cristo, nossa Páscoa, foi imoladoⁱ. ⁸Por isso, festejemos não com fermento velho, nem com fermento de malícia e de maldade, mas com ázimos de sinceridade e de verdade.

Proposta de solução

⁹Escrevi-vos na carta anterior^j que não vos misturásseis com promíscuos. ¹⁰Não me referia, de modo geral, aos promíscuos deste mundo ou aos avarentos, ladrões ou idólatras, porque, então, teríeis de sair deste mundo! ¹¹Escrevi-vos, sim, que não vos misturásseis com alguém que, embora se diga irmão, seja promíscuo, ou avarento, ou idólatra, ou caluniador, ou bêbado, ou ladrão. Com essa gente nem sequer deveis comer^k. ¹²Com efeito, porque haveria eu de julgar os de fora?^l Não são os de dentro que deveis julgar? ¹³Os de fora, Deus os julgará. *Afastai o mau do meio de vós^m.*

^c *Lit.: alguém ter mulher do pai.* Esta situação é a primeira de uma série de situações que estão a corroer a santidade da comunidade (5,1-6,20). O incesto era proibido entre os judeus, sob pena de morte (cf. Lv 18,8; 20,11), e entre os romanos, sob pena de deportação. Daí a decisão de Paulo, apoiada na sua autoridade apostólica: excluir da comunidade o prevaricador, com o fim pedagógico de assim o reconduzir ao caminho da salvação. A isto junta-se o perigo de contaminar a comunidade, expresso pela imagem do fermento, ligada à celebração da Páscoa, vital para a comunidade.

^f *Lit.: inchados.*

^g Ou seja, o pecado tem uma dimensão comunitária: o pecado de um afeta todos (cf. Rm 5,12-21; 14,7; Gl 5,9).

^h *Pães* é acrescento da tradução. São os pães sem fermento consumidos pelos judeus na festa da Páscoa e dos Ázimos. Paulo faz disso uma imagem da purificação do pecado.

ⁱ Chamava-se *Páscoa* também ao cordeiro pascal, tal a sua importância nessa festa.

^j *Anterior* é acrescento da tradução. Esta carta perdeu-se, e terá sido a primeira que Paulo escreveu aos coríntios (cf. Introdução).

^k Possivelmente a refeição em que a comunidade celebrava a Eucaristia (cf. 1Cor 11,17-34).

^l *Lit.: O que, pois, para mim julgar os de fora?* (semitismo).

^m Dt 17,7 (LXX).

III. QUESTÕES ENTRE OS MEMBROS DA COMUNIDADE (6,1-20)

6 Recurso aos tribunais pagãos

¹Como é que um de vós, que está em litígio com outro, ousa deixar-se julgar perante os injustos^a e não perante os santos?^b ²Ou não sabeis que os santos hão de julgar o mundo^c? E se o mundo é julgado por vós, sereis indignos de julgar minudências^d? ³Não sabeis que haveremos de julgar os anjos? Quanto mais as coisas da vida quotidiana! ⁴Ora, quando tendes questões da vida quotidiana, porque sentais como juizes os que na Igreja são desprezados^e? ⁵Para vossa vergonha o digo! Será que não há entre vós nenhum sábio que possa julgar os seus irmãos^f? ⁶Em vez disso, um irmão vai a julgamento contra outro irmão, e isto diante de não crentes? ⁷De qualquer modo, já é para vós uma derrota que tendes litígios uns com os outros. Não seria melhor sofrerdes uma injustiça? Não seria melhor serdes defraudados? ⁸Em vez disso, sois vós que cometeis injustiças e defraudais, e isto em relação a irmãos. ⁹Ou não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos iludais: nem promíscuos, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem homens que se deitam com homens, ¹⁰nem salteadores, nem avarentos, nem bêbados, nem caluniadores, nem ladrões hão de herdar o reino de Deus. ¹¹E alguns de vós éreis assim. Mas lavastes-vos, fostes santificados, fostes justificados no nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus.

A dignidade do corpo

¹²«Tudo me é permitido», mas nem tudo convém^g; «tudo me é permitido», mas não serei dominado por nada. ¹³«Os alimentos são para o ventre, e o ventre

^a *Injustos* no sentido em que não estão justificados (salvos) pela fê em Cristo e pelo batismo.

^b Os *santos*, isto é, os batizados, enquanto pertencentes a Deus, vivem segundo os critérios do Evangelho, e, por isso, são julgados de acordo com estes e não com os do mundo.

^c Isto é, apenas enquanto participantes da santidade de Deus e da vida em e com Cristo (cf. Gn 1,22; Sb 3,8; Mt 19,28; 1Ts 4,16s).

^d Lit.: *sois indignos de juízos (critéria) mínimos?*

^e *Desprezados* no sentido de não pertencerem à Igreja, e por isso não terem autoridade sobre ela.

^f Lit.: *no meio do seu irmão.*

^g Paulo reproduz aqui (e no v.13) afirmações influenciadas pela filosofia estoica, a partir das quais os cristãos de Corinto justificavam as relações sexuais com prostitutas. Partindo da concepção grega do ser humano, que o vê como composto de alma e corpo, separáveis (pela morte), os cristãos de Corinto pareciam defender que o que é feito com e no corpo não afeta a alma. Paulo contrapõe-lhes a concepção semita, segundo a qual o ser humano é, todo ele, corpo e alma: corpo, enquanto se relaciona e exterioriza; alma, enquanto é vivo (pelo espírito, o hálito vital, cf. Gn 2,7). Por isso as relações com uma prostituta profanam o cristão, na totalidade da sua condição de templo do Espírito, na santidade adquirida no batismo.

para os alimentos»; Deus, porém, destruirá tanto o ventre como os alimentos^h. Ora, o corpo não é para a promiscuidade, mas para o Senhor; e o Senhor para o corpo. ¹⁴Assim como Deus ressuscitou o Senhor, assim também nos ressuscitará por meio do seu poder. ¹⁵Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo? Iria eu, então, tomar os membros de Cristo, e fazer deles membros de uma prostituta? De modo nenhum! ¹⁶Ou não sabeis que aquele que se une à prostituta é, com elaⁱ, um só corpo? Pois, como está dito: *Serão os dois uma só carne*^j. ¹⁷Quem, porém, se une ao Senhor é, com Ele, um só espírito. ¹⁸Fugi da promiscuidade! «Todo o pecado que alguém cometer é exterior ao corpo»^k, mas aquele que é promíscuo peca contra o próprio corpo. ¹⁹Ou não sabeis que o vosso corpo é templo^l do Espírito Santo - que está em vós e recebestes de Deus^m - e que não pertenceis a vós mesmos? ²⁰Com efeito, fostes comprados por um alto preço!ⁿ Glorificai, pois, a Deus no vosso corpo!

IV. MATRIMÓNIO E VIRGINDADE (7,1-40)

7 A questão do matrimónio

¹Acerca do que escrevestes^o, «é bom para um homem não tocar numa mulher»^p, tenho a dizer o seguinte^q: ²para evitar a promiscuidade^r, cada um te-

^h Lit.: *tanto aquele como estes*.

ⁱ *Com ela e com Ele* (v.17) são acrescentos da tradução. A relação sexual implica a totalidade do ser humano e é expressão de uma comunhão duradoura (cf. Mt 19,5; Lc 15,15; At 5,13; At 9,26; 17,34; Rm 12,9; Sir 19,2).

^j Gn 2,24.

^k Paulo evoca Epicteto (filósofo estoico grego do séc. I-II d.C.), *Diat.* III,10,18, tratando-se, provavelmente, de uma máxima conhecida na comunidade de Corinto, que o apóstolo rebate.

^l Cf. 1 Cor 3,16s, onde *templo* (o Santo dos Santos) é aplicado à comunidade; aqui, a cada cristão.

^m Lit.: *que tendes a partir de Deus*.

ⁿ *Alto* é acrescento da tradução. Paulo refere-se ao sofrimento pelo qual Cristo passou para nos resgatar do pecado e da morte, tal como os escravos eram libertados da sua condição por meio de um pagamento.

^o A fórmula *acerca de* introduz as questões da comunidade enviadas a Paulo por escrito (1 Cor 7,25; 8,1; 12,1; 16,1.12).

^p Trata-se provavelmente de uma máxima do pensamento grego, que se opõe a Gn 2,24. Este cap. representa um avanço e uma novidade radical face ao envolvente mundo judaico e grego. A mulher surge aqui em total paridade com o marido, o que não era o caso nessas culturas. Ela tem os mesmos direitos perante o divórcio (vv.10s), é tratada de modo igual no caso dos casamentos mistos (vv.12s) e do chamado *privilégio paulino* (v.15), e passa a poder dispor do seu destino em plena liberdade e dignidade. Nos casamentos mistos, o crente não está obrigado a repudiar o cônjuge não crente (em caso de separação, a iniciativa deve ser da parte do não crente).

^q *Tenho a dizer o seguinte* é acrescento da tradução.

^r Lit.: *por causa da promiscuidade*.

nha a sua mulher, e cada uma tenha o seu marido. ³O marido dê à mulher o que lhe é devido, e do mesmo modo a mulher ao marido. ⁴A mulher não dispõe do seu próprio corpo, mas sim o marido; e, do mesmo modo, também o marido não dispõe do próprio corpo, mas sim a mulher. ⁵Não vos recuseis um ao outro, a não ser de mútuo acordo e temporariamente para vos dedicardes à oração. Depois, voltaí a unir-vos, para que Satanás não vos tente, devido à dificuldade que tendes em dominar-vos. ⁶Isto, porém, digo-o como concessão, não como ordem. ⁷Desejaria que todos os homens fossem como eu, mas cada um recebe de Deus o seu próprio carisma, um de uma maneira, outro de outra. ⁸Digo aos solteiros^a e às viúvas: é bom para eles se permanecerem como eu. ⁹Se, porém, não se conseguem dominar, casem-se, pois é melhor casar-se do que abrasar-se.

A questão do divórcio

¹⁰Aos casados ordeno, não eu, mas o Senhor: a mulher não se separe do marido; ¹¹se, porém, vier a separar-se, não volte a casar ou, então, reconcilie-se com o marido; e o marido não repudie a sua mulher.

¹²Aos restantes digo eu, não o Senhor: se um irmão tem uma mulher não crente e esta consente em habitar com ele, não a abandone. ¹³E se uma mulher tem um marido não crente, e este consente em habitar com ela, não repudie o marido. ¹⁴Pois o marido não crente é santificado por meio da mulher, e a mulher não crente é santificada por meio do marido^b. Caso contrário, os vossos filhos seriam impuros; ao passo que agora são santos. ¹⁵Mas se o não crente se quiser separar, separe-se. Nestes casos, nem o homem crente nem a mulher crente ficam vinculados^c; foi para viver em paz que Deus vos chamou. ¹⁶Como sabes tu, mulher, se salvarás o marido? Ou como sabes tu, marido, se salvarás a mulher?

^a Lit.: *não casados*, que podiam ser também divorciados ou viúvos (cf. 7,8.11.32.34).

^b Lit.: *irmão*. Paulo contraria o pensamento judaico de então, segundo o qual o não crente tornaria o cônjuge impuro perante a Lei (cf. 1Ts 4,3-7; Rm 6,19-22; 12,1s). A santificação de que fala é, possivelmente, a obtida no batismo, aliada ao poder evangelizador da conduta do cônjuge cristão.

^c Lit.: *nem o irmão nem a irmã ficam escravizados em tais coisas*. Este é o chamado *privilegio paulino*, que permite o divórcio quando a conversão do cônjuge crente se verifica depois de casados, e que assenta numa visão realista da vida, no seguimento do ensinamento de Jesus (Mt 19,9).

A fidelidade à vocação

¹⁷De resto^d, que cada um continue a caminhar conforme o que o Senhor lhe atribuiu, conforme era quando Deus o chamou. Assim ordeno em todas as Igrejas. ¹⁸Alguém era circuncidado quando foi chamado? Não o disfarce^e. Alguém não era circuncidado^f quando foi chamado? Não seja circuncidado. ¹⁹A circuncisão não é nada, e a incircuncisão nada é, mas sim a observância dos mandamentos de Deus. ²⁰Que cada um permaneça na condição em que se encontrava quando foi chamado^g. ²¹Eras servo quando foste chamado? Não te preocupes. Mas se, de facto, te podes tornar livre, é melhor aproveitar. ²²É que o servo, que foi chamado no Senhor, é um liberto do Senhor. Do mesmo modo, quem era livre e foi chamado, é servo de Cristo. ²³Fostes comprados por um alto preço^h: não vos torneis servos dos homens! ²⁴Que cada um, irmãos, permaneça diante de Deus na condição em que foi chamado.

A virgindade

²⁵Acerca de quem é virgem, não tenho uma ordem do Senhor, mas dou um parecer, como alguém que, pela misericórdia do Senhor, é digno de confiançaⁱ. ²⁶Considero, pois, que, devido à angústia do tempo presente^j, isto é bom, ou seja: é bom para um homem ficar tal como está. ²⁷Estás ligado a uma mulher? Não procures a separação. Estás livre de mulher? Não procures uma mulher. ²⁸Contudo, se casares, não pecas; e se a virgem se casar, não peca. Estes, porém, terão tribulações na carne, e eu quero poupar-vos a elas^k. ²⁹Isto vos

^d *De resto* é acrescento da tradução. Paulo refere-se de seguida sobretudo ao caso tratado em 7,15s, passando a expor o princípio central por que se regem as orientações anteriores (sobre o casamento): o cristão deve viver a fé na observância dos mandamentos divinos (que são sintetizados no amor), em qualquer situação social ou até religiosa em que se encontrava quando Deus o chamou: circuncidado ou não (7,17-19); escravo ou livre (7,20-24).

^e Lit.: *não puxe* (a pele do prepúcio). Faziam-no alguns judeus na diáspora, para ocultar a circuncisão.

^f Lit.: *na incircuncisão*.

^g Lit.: *cada um com o/no chamamento a/com que foi chamado, neste permaneça*.

^h *Alto* é acrescento da tradução (cf. 6,20 nota).

ⁱ Lit.: *como um misericordiado pelo Senhor para ser fiel*. Sem negar o princípio exposto em 7,17-24, Paulo recomenda, como preferível, a virgindade (7,25-28), pela proximidade da última vinda de Cristo (expectativa então dominante, cf. 7,29-31) e pela consequente necessidade de uma total dedicação ao Senhor, livre de outras preocupações (7,32-38). As mesmas razões estão subjacentes à solução para a questão do casamento das viúvas (7,39s).

^j Isto é, a angústia que caracteriza a situação da comunidade até à segunda vinda de Cristo (cf. 2Cor 6,2).

^k Lit.: *e eu poupo-vos*.

afirmo, irmãos: o tempo foi abreviado. Doravante, os que têm mulher vivam^a como se não tivessem,³⁰ os que choram como se não chorassem, os que se alegram como se não se alegrassem, os que compram como se não possuíssem,³¹ os que usam o mundo como se dele não usufruíssem. Com efeito, a aparência deste mundo está a passar.³² Quero que estejais livres de preocupações. O solteiro preocupa-se com as coisas do Senhor, em como há de agradar ao Senhor;³³ ao passo que o casado se preocupa com as coisas do mundo, em como há de agradar à mulher,³⁴ e fica dividido. Também a mulher não casada^b - tal como a virgem - se preocupa com as coisas do Senhor, para ser santa, quer no corpo quer no espírito; ao passo que a casada se preocupa com as coisas do mundo, em como há de agradar ao marido.³⁵ Digo isto para o vosso próprio benefício, não para vos impor amarras, mas para procederdes dignamente e vos dedicardes ao Senhor^c.³⁶ Se alguém considera que se está a comportar de modo inadequado para com a sua noiva^d - no caso de ela ter passado a flor da idade, e assim tiver de acontecer - faça aquilo que deseja: não peca, casem-se.³⁷ Aquele, porém, que - firme no seu coração, sem angústia, e com autoridade sobre a própria vontade - decidiu no seu coração respeitar a sua noiva, fará bem.³⁸ De modo que faz bem quem casa com a sua noiva, e fará ainda melhor quem não casa.

O casamento das viúvas

³⁹Uma mulher está ligada ao seu marido enquanto ele for vivo^e. Se, porém, o marido falecer, fica livre para se casar com quem quiser – mas só no Senhor^f.⁴⁰ Todavia, segundo o meu parecer, será mais feliz se permanecer como está. Penso que também eu tenho o Espírito de Deus.

^a Lit.: *sejam*.

^b O termo grego poderá referir-se à mulher não casada ou à viúva.

^c Lit.: *para o que é digno e a dedicação ao Senhor, sem distração*.

^d Lit.: *sua virgem* (o mesmo nos vv.36.37.38). O *modo vergonhoso* pode referir-se à situação da noiva, por estar a passar a idade de casar, ou ao risco de o noivo ter uma vida íntima com a noiva sem a desposar.

^e Lit.: *Uma mulher está ligada, por quanto tempo vive o seu marido*.

^f Isto é, apenas com um homem crente.

V. AS CARNES IMOLADAS AOS ÍDOLOS (8,1-11,1)

8 O preceito geral

¹Acerca das carnes imoladas aos ídolos^g, sabemos que já todos temos o conhecimento que é necessário ter^h. Porém, o conhecimento incha, enquanto o amor edifica. ²Se alguém pensa conhecer alguma coisa, ainda não conheceu tal como é necessário conhecer. ³Mas se alguém ama a Deus, esse é por Ele conhecido. ⁴Por conseguinte, acerca do consumo das carnes imoladas aos ídolos, sabemos que um ídolo nada é no mundo, e que ninguém é Deus senão um só. ⁵Pois ainda que existam os chamados deuses, quer no céu, quer na terra – e de facto são muitos esses deuses e muitos os senhores –, ⁶para nós, todavia, existe um só Deus, o Pai, de quem tudo procede e para quem nós existimos, e um só Senhor, Jesus Cristoⁱ, por meio do qual tudo existe e por meio do qual também nós existimos.

⁷Mas nem todos têm este conhecimento. Alguns, habituados até agora aos ídolos, comem essas carnes como se fossem, de facto, carnes imoladas aos ídolos^j, e a sua consciência, sendo fraca, fica contaminada. ⁸Não é um alimento, porém, que nos levará à presença de Deus: nada perdemos se não comermos, nem nada ganhamos se comermos.

O preceito guiado pela caridade

⁹Contudo, tomai cuidado para que o vosso direito não se torne um tropeço para os que são fracos. ¹⁰Pois se alguém te vir, a ti que tens conhecimento, reclinado à mesa num templo dos ídolos, não será induzida a consciência desse, que é fraco, a comer as carnes imoladas aos ídolos^k? ¹¹E assim, por causa do teu conhecimento, perde-se aquele que é fraco, um irmão pelo qual Cristo

^g O grego *eidōlōthyton* significa *oferta* ou *vítima sacrificada aos ídolos*. Trata-se do costume pagão de comer carne de animais sacrificados a um deus, em sinal da comunhão com ele. Ora, essa carne era posteriormente posta à venda para consumo doméstico, o que feria o escrúpulo de alguns judeo-cristãos. De facto, enquanto os que consumiam tais carnes não se achavam afetados por divindades inexistentes, os que as não consumiam seguiam as proibições bíblico-judaicas no que dizem respeito à idolatria, que incluíam a de consumir como alimento os animais que lhes eram sacrificados.

^h Lit.: *sabemos que todos temos o conhecimento*.

ⁱ Ao monoteísmo do AT Paulo junta uma afirmação sobre a natureza divina de Jesus, proveniente possivelmente da liturgia batismal (cf. Rm 11,36; 1Cor 2,10-13; 12,4-6; 2Cor 4,14s; 5,18).

^j Lit.: *comem como coisa imolada aos ídolos*.

^k Paulo desenvolve esta questão e concretiza-a ainda mais em Rm 14-15.

morreu.¹²Deste modo, ao pecardes contra os irmãos e ao ferirdes a sua consciência, que é fraca, é contra Cristo que pecais^a.¹³Por isso, se um alimento é motivo de escândalo para o meu irmão, nunca, jamais comerei carne, para não ser motivo de escândalo para o meu irmão.

9 O exemplo de Paulo

¹Será que não sou livre? Que não sou apóstolo? Não vi Jesus, nosso Senhor^b? Não sois vós a minha obra no Senhor? ²Se para outros não sou apóstolo, ao menos que o seja para vós, pois vós sois, no Senhor, o selo do meu apostolado. ³Esta é a minha defesa perante os que me julgam. ⁴Será que não temos o direito de comer e de beber? ⁵Será que não temos o direito de levar connosco uma mulher, irmã na fé^c, tal como os restantes apóstolos, os irmãos do Senhor e Cefas^d? ⁶Ou será que só eu e Barnabé é que não temos o direito de não trabalhar? ⁷Quem é que, alguma vez, prestou serviço militar com os seus próprios recursos? Quem é que planta uma vinha e não come do seu fruto? Ou quem é que apascenta um rebanho e não se alimenta do leite do rebanho? ⁸Será que digo isto segundo um critério humano? Ou não o diz também a Lei? ⁹Com efeito, na Lei de Moisés está escrito: *Não amordaçarás o boi que debulha*^e. Será que é mesmo com os bois que Deus se preocupa? ¹⁰Ou não será certamente por nossa causa que o diz? De facto, foi por nossa causa que isto foi escrito, porque quem lavra deve lavrar com esperança, e quem debulha deve fazê-lo com a esperança de receber a sua parte^f. ¹¹Se nós semeámos em

^a Em *Cristo* inclui-se a comunidade, vista como Corpo de Cristo (cf. 1Cor 6,15; 12,12).

^b Para fundamentar a relação entre a liberdade no consumo de carnes imoladas aos ídolos e o respeito pela consciência dos outros (8,1-13), Paulo, num dos seus textos mais autobiográficos, fala agora do modo como vive o seu ministério apostólico (9,1-27): rejeita qualquer dúvida sobre a sua condição apostólica (9,1s); comprova o direito à recompensa pelo trabalho apostólico (9,3-14), mas ao qual livremente renuncia (9,15-18); esclarece a razão por que o faz, ou seja, para que o evangelho apareça como graça – que é – na gratuidade com que o anuncia (9,19-23); e termina com uma alusão à dureza – semelhante à desportiva – a que se sujeita no seguimento dessa decisão (9,24-27). No centro está, pois, a sintonia entre o apostolado e o evangelho, determinante para a vida do apóstolo, incluindo a sua liberdade: vive do evangelho e para o evangelho.

^c *Connosco* e *na fé* são acrescentos da tradução. Sobre a vida celibatária de Paulo, cf. 7,7.

^d Estas referências sugerem que a oposição poderia provir da comunidade de Jerusalém. O único dos irmãos do Senhor citado por Paulo é Tiago (cf. Gl 1,19; Mc 3,31; 6,3; At 1,14). *A mulher irmã* refere-se, com probabilidade, a um membro feminino da comunidade que acompanhava os missionários para lhes prestar auxílio; noutra interpretação, referir-se-á às esposas dos apóstolos, dos irmãos do Senhor e de Cefas.

^e Dt 25,4.

^f Esta é a leitura da NVg. Outra hipótese de tradução: *De facto, foi por nossa causa que foi escrito: quem lavra deve lavrar com esperança, e quem debulha deve fazê-lo com a esperança de receber a sua parte*, embora tal citação não se encontre na Escritura.

vós bens espirituais, será coisa assim tão grande colhermos de vós bens materiais?^g ¹²Se outros têm o direito de receber de vós a sua parte, não o teremos nós com maior razão? Mas não fizemos uso desse direito; pelo contrário, tudo suportamos para não causarmos nenhum obstáculo ao evangelho de Cristo. ¹³Não sabeis que os que exercem as funções sagradas no templo^h comem do que provém do templo, e os que servem ao altar recebem parte do que é oferecido no altar?ⁱ ¹⁴Assim também o Senhor ordenou aos que proclamam o evangelho que vivam do evangelho.

¹⁵Eu, porém, não fiz uso de nada disto, e não o escrevi para que assim se faça comigo. Para mim seria até melhor morrer do que alguém me esvaziar desta glória!^j ¹⁶É que anunciar o evangelho não é para mim motivo de glória; de facto, é uma necessidade que me é imposta. Ai de mim se não anunciar o evangelho!^k ¹⁷Com efeito, se o fizesse voluntariamente, teria direito^k a recompensa; mas se é involuntariamente, é um encargo^l que me foi confiado. ¹⁸Qual é, então, a minha recompensa? Que, ao anunciar o evangelho, o^m proponha gratuitamente, sem fazer uso do direito que o evangelho me concedeⁿ.

¹⁹De facto, embora sendo livre em relação a todos, de todos me fiz servo, para ganhar o maior número possível. ²⁰Com os judeus, fiz-me judeu, para ganhar os judeus; com os que estão sujeitos à Lei, fiz-me como se estivesse sujeito à Lei, para ganhar os que estão sujeitos à Lei – ainda que eu próprio não esteja sujeito à Lei; ²¹com os que vivem sem a Lei^o, fiz-me como se vivesse sem a Lei, para ganhar os que vivem sem a Lei – ainda que eu não viva sem a lei de Deus, mas sob a lei de Cristo^p. ²²Fiz-me fraco com os fracos, para ganhar os fracos; fiz-me tudo para todos, para, por todos os meios, salvar alguns. ²³Tudo faço por causa do evangelho, para dele me tornar participante. ²⁴Não sabeis que, quando se corre no estádio, embora todos corram, apenas um recebe o prémio? Correi, pois, assim, para o conquistardes. ²⁵Todos aqueles que com-

^g Lit.: *Se nós semeámos em vós o espiritual, será grande (coisa) se nós colhermos de vós o carnal?*
No templo é acrescento da tradução.

ⁱ Lit.: *participam no altar*.

^j Lit.: *é bom, de facto, para mim melhor morrer, do que a minha glória alguém esvazie*.

^k *Direito* é acrescento de tradução.

^l Ou administração (no grego *oikonomia*).

^m Lit. *o evangelho*.

ⁿ Lit.: *do meu direito no evangelho*.

^o Isto é, os pagãos.

^p *Cristo* é simultaneamente autor e conteúdo da *Lei* do amor (cf. Rm 13,8-10; Gl 5,14; 6,2).

petem, em tudo se disciplinam: eles para receber uma coroa corruptível; nós, uma incorruptível. ²⁶Quanto a mim, é assim que corro: não ao acaso; é assim que luto: não dou socos no ar. ²⁷Pelo contrário, trato duramente^a o meu corpo e submeto-o à servidão, não aconteça que, tendo pregado aos outros, venha eu próprio a ser eliminado.

10^O perigo da idolatria

¹Com efeito, não quero que vós, irmãos, ignoreis que os nossos pais estiveram todos debaixo da nuvem e todos passaram através do mar^b; ²em Moisés, todos foram batizados na nuvem e no mar; ³todos comeram o mesmo alimento espiritual ⁴e todos beberam a mesma bebida espiritual, pois bebiam da pedra espiritual que os acompanhava, e a pedra era Cristo^c. ⁵Mas a maioria deles não agradou a Deus, pois caíram mortos no deserto.

⁶Ora, isto tornou-se um exemplo para nós, para não cobiçarmos o que é mau, tal como eles cobiçaram. ⁷Não sejais idólatras como alguns deles, conforme está escrito: *O povo sentou-se para comer e beber, e levantaram-se para se divertir*^d. ⁸Nem sejamos promíscuos, como o foram alguns deles; num só dia caíram vinte e três mil. ⁹Nem tentemos Cristo, como alguns deles tentaram e acabaram mortos pelas serpentes. ¹⁰Nem murmureis, como alguns deles murmuraram e foram mortos pelo Exterminador^e. ¹¹É que isto aconteceu-lhes como exemplo e foi escrito para nos advertir, a nós para quem o fim dos tempos chegou. ¹²Por conseguinte, quem pensa estar de pé tenha cuidado para não cair. ¹³Nenhuma tentação vos sobreveio que não fosse humana: Deus é fiel, Ele não permitirá que sejais tentados acima daquilo de que sois capazes; mas, juntamente com a tentação, providenciará também uma saída para serdes capazes de a suportar.

^a Trata-se de uma disciplina imposta tendo em vista o sucesso na competição, a que os atletas também se submetiam, e não de uma qualquer prática auto-sacrificial.

^b Sl 105,39 (LXX). Nos vv.1-5 Paulo recorda e segue a ordem dos acontecimentos do Êxodo: a nuvem (Ex 13,21), o mar (Ex 14,21), o maná (Ex 16,4.14-18), a água (Ex 17,6) e a rebelião (Ex 32,6).

^c Paulo evoca a pedra de onde, no deserto, Moisés fez jorrar água para Israel (Nm 20,7-11). A identificação baseia-se na pré-existência de Cristo (cf. 1Cor 8,6; Gl 3,16).

^d Ex 32,6.

^e Ex 12,23 (o Anjo Exterminador); cf. 2Sm 24,16; 1Cr 21,15; Sab 18,20-25.

¹⁴Por isso, amados meus, fugi da idolatria^f. ¹⁵Falo-vos como a gente sensata. Julgai vós o que afirmo: ¹⁶o cálice da bênção que bendizemos, não é ele comunhão do sangue de Cristo? O pão que partimos, não é ele comunhão do corpo de Cristo? ¹⁷Visto que há um só pão, nós, apesar de muitos, somos um só corpo^g, pois todos participamos do único pão. ¹⁸Olhai para o Israel segundo a carne: não são aqueles que comem as vítimas sacrificiais os que estão em comunhão com o altar^h? ¹⁹Mas que quero eu dizer? Que a carne imolada aos ídolos é alguma coisa? Ou que um ídolo é alguma coisa? ²⁰Pelo contrário: aquilo que sacrificam, sacrificam a demónios e não a Deus. E eu não quero que vós estejais em comunhão com os demónios. ²¹Não podeis beber o cálice do Senhor e o cálice dos demónios; não podeis participar da mesa do Senhor e da mesa dos demónios. ²²Ou queremos provocar o ciúme do Senhor? Seremos, porventura, mais fortes do que Ele?

²³«Tudo é permitido»ⁱ, mas nem tudo convém. «Tudo é permitido», mas nem tudo edifica. ²⁴Que ninguém procure o seu próprio interesse^j, mas o do outro. ²⁵Comei de tudo o que é vendido no mercado da carne, sem nada questionar por motivos de consciência, ²⁶pois *do Senhor é a terra e o que ela contém*^k. ²⁷Se algum dos não crentes vos convidar para uma refeição^l e quiserdes ir, comei de tudo o que vos for apresentado, sem nada questionar por motivos de consciência. ²⁸Se, porém, alguém vos disser: «Isto é carne sacrificada», não comais, em atenção a quem vos avisou e por motivos de consciência. ²⁹Não falo da tua consciência, mas da do outro. Com efeito, por que razão haveria a minha liberdade de ser julgada por uma outra consciência? ³⁰Se eu participo na refeição dando graças^m, porque hei de ser considerado blasfemo por causa daquilo pelo qual dou graças? ³¹Portanto, quer comais quer bebais, o que quer

^f Embeuidos no ambiente idolátrico de Corinto, provavelmente alguns membros da comunidade tendiam a celebrar a eucaristia da mesma forma com que realizariam os cultos pagãos.

^g Esta é provavelmente uma das razões que leva Paulo a chamar à Igreja *Corpo de Cristo* (1 Cor 12,27). Cristo, na oferta do seu *corpo* e *sangue* como expressão extrema do seu amor, é quem une os cristãos na *comunhão* constitutiva da Igreja.

^h Paulo evoca *os sacrifícios de comunhão*: a vítima oferecida sobre o altar era dividida entre Deus (representado no altar), o sacerdote e a pessoa que fazia a oferta (cf. Lv 3; 7; 1Sm 9,10-24).

ⁱ Provavelmente Paulo cita afirmações dos cristãos de Corinto, relativas a este e outros temas (cf. 6,12) e com base nas filosofias epicurista e estoica, então em voga.

^j Lit.: *ninguém procure o que é de si mesmo*.

^k Lit.: *e a sua plenitude*. Sl 24,1.

^l *Para uma refeição* é acrescento da tradução.

^m Lit.: *se eu pela graça participo*.

que façais, fazei tudo para glória de Deus.³² Sede irrepreensíveis quer para judeus, quer para gregos, quer para a Igreja de Deus,³³ tal como em tudo eu tento agradar^a a todos, procurando não o meu próprio benefício, mas o de muitos, para que sejam salvos.

11¹ Sede meus imitadores, como também eu o sou de Cristo.

VI. ABUSOS NAS ASSEMBLEIAS LITÚRGICAS (11,2-34)

O véu das mulheres

² Eu vos louvo, porque em tudo vos tendes lembrado de mim e conservais as tradições tal como vo-las transmiti^b.

³ Quero, porém, que saibais que a cabeça de todo o homem é Cristo, ao passo que a cabeça da mulher é o homem^c, e a cabeça de Cristo é Deus.⁴ Todo o homem que reza ou profetiza^d de cabeça coberta envergonha a sua cabeça.⁵ Mas toda a mulher que reza ou profetiza de cabeça descoberta envergonha a sua cabeça; é como se estivesse com ela rapada^e.⁶ Se uma mulher não se cobre, então que corte o cabelo. Porém, se é vergonhoso para uma mulher cortar o cabelo ou rapar a cabeça^f, então que se cubra.

^a Lit.: *tal como eu agrado*.

^b Com o louvor inicial, Paulo pretende captar a simpatia dos destinatários para acolherem as repreensões em relação aos comportamentos que adoptavam nas celebrações litúrgicas. A primeira admoestação diz respeito às mulheres que nelas participavam de cabeça descoberta, contrariando um hábito das sociedades de então, judaica e greco-romana, e, por isso, adotado pelos cristãos. É possível que tais mulheres se baseassem na igual dignidade entre cristãos, homens e mulheres, proclamada por Paulo (cf. Gl 3,28). Neste caso, porém, punham em causa aspetos essenciais da vida dos cristãos: a unidade entre si e, consequentemente, a credibilidade do evangelho, que nela se manifesta.

^c As influências judaizantes podem ter interpolado algumas afirmações nas cartas de Paulo, fazendo regredir a proposta de libertação que este oferece às mulheres nas comunidades cristãs (cf. 1Cor 7; 1Tm 2,11-15a).

^d O dom da profecia é para Paulo imprescindível, na medida em que é por ele que se faz o discernimento da palavra e da vontade de Deus. Sem ele o dom das línguas não tem sentido, visto que ninguém entende o que é dito e, portanto, de nada serve para a edificação e vida da comunidade.

^e Lit.: *Pois é uma e mesma coisa em relação a estar rapada*. De sublinhar o facto de, ainda assim, o papel profético da mulher ser apresentado em pé de igualdade com o do homem, o que constitui uma revolução em relação à atitude submissa e silenciosa que as mulheres deviam manter na sinagoga.

^f *Cabelo(s)* e *cabeça* são acrescentos da tradução.

⁷De facto, um homem não deve cobrir a cabeça, visto ser imagem e glória de Deus; a mulher, porém, é glória do homem^g. ⁸Com efeito, não foi o homem que veio da mulher, mas a mulher do homem, ⁹pois o homem não foi criado por causa da mulher, mas a mulher por causa do homem^h. ¹⁰Por isso, a mulher deve ter sobre a cabeça um sinal da sua dependênciaⁱ, por causa dos anjos^j. ¹¹De qualquer modo, no Senhor, a mulher não existe sem o homem, nem o homem sem a mulher. ¹²Pois tal como a mulher veio do homem, assim também o homem vem através da mulher; porém, tudo vem de Deus. ¹³Julgai por vós mesmos: será adequado que uma mulher reze a Deus de cabeça descoberta? ¹⁴Não vos ensina a própria natureza que, se um homem usar cabelos compridos, isso é uma desonra para si próprio, ¹⁵enquanto, se uma mulher usar cabelos compridos, isso é uma glória para si própria? Porque o cabelo comprido foi-lhe dado em vez de um véu. ¹⁶Se alguém, porém, achar que o deve contestar^k, nós não temos tal costume, nem as Igrejas de Deus.

A ceia do Senhor

¹⁷Ao dar-vos as instruções que se seguem, não posso louvar-vos^l, porque não vos reunis para o melhor, mas para o pior. ¹⁸Em primeiro lugar, ouço dizer que, quando vos reunis em assembleia, há divisões entre vós, e em parte acreditado. ¹⁹Aliás, é até necessário que haja facções entre vós, para que se manifestem os que de entre vós agem corretamente^m. ²⁰Ora, quando vos reunis, não é para comer a ceia do Senhor, ²¹pois cada um se apressa a comer a sua própria

^g Na tradição judaica, a mulher também era reconhecida como glória de Deus (*ApMoi* 20,1-2).

^h Referências a Gn 1,26-28 e 2,18-23.

ⁱ Lit.: *ter uma autoridade sobre a cabeça*, que alguns leem como uma referência ao autodomínio da mulher, para não ser infiel ao marido (referido no v. anterior), nem a Deus.

^j *Anjos* (palavra de origem grega que significa *mensageiros*) poderá ser uma referência aos seres espirituais que, segundo uma interpretação judaica de Dt 23,15, marcam presença invisível nas assembleias, ou aos *mensageiros* enviados por outras comunidades eclesiais (cf. Gl 1,8; 4,14; Lc 7,24; 9,52).

^k Lit.: *acha que é amigo de contestações*.

^l Lit.: *ao ordenar isto não louvo*. A insistência em *não louvar* (repetida em 11,22, e por oposição a 11,2) é já um sinal da gravidade da situação que Paulo aborda: começa por evocar as divisões na comunidade, num momento – a celebração – em que esta deveria estar ainda mais unida (11,17-22); cita, ao centro, as palavras do memorial eucarístico, fundamento da existência e vida da comunidade (11,22-25); termina com um comentário à citação, evidenciando os efeitos nefastos para o presente e para o futuro dos cristãos, se o memorial não se refletir na vida da comunidade, e apelando, por isso, a uma mudança de conduta (11,26-34). No centro do discurso está, portanto, o que é fundamental na vida da Igreja.

^m Lit.: *os aprovados*.

ceia^a, e enquanto um passa fome, outro embriaga-se. ²²Será que não tendes casas para comer e beber? Ou desprezais a assembleia de Deus e envergonhais os que nada têm? Que vos direi? Hei de louvar-vos? Nisto não vos louvo.

²³Eu, com efeito, recebi do Senhor o que também vos transmiti^b: o Senhor Jesus, na noite em que era entregue, tomou o pão ²⁴e, depois de dar graças, partiu-o e disse: *Este é o meu corpo que é para vós^c; fazei isto em minha memória^d*. ²⁵Do mesmo modo, depois de cear, tomou também o cálice, dizendo: *Este cálice é a nova aliança no meu sangue; todas as vezes que o beberdes, fazei isto em minha memória*. ²⁶Pois todas as vezes que comerdes este pão e beberdes deste cálice, anunciais a morte do Senhor, até que Ele venha.

²⁷Portanto, aquele que indignamente comer o pão ou beber do cálice do Senhor será réu do corpo e do sangue do Senhor. ²⁸Examine-se cada um a si mesmo e só então coma do pão e beba do cálice. ²⁹Pois aquele que come e bebe, sem distinguir o corpo do Senhor^e, come e bebe a sua própria condenação. ³⁰É por causa disto que há entre vós muitos fracos e enfermos, e muitos acabam por falecer. ³¹Mas se nos examinássemos^f a nós próprios, não seríamos julgados. ³²No entanto, ao sermos julgados, somos corrigidos pelo Senhor, para não sermos condenados juntamente com o mundo.

³³Assim sendo, meus irmãos, quando vos reunirdes para comer, esperai uns pelos outros. ³⁴Se alguém tem fome, coma em casa, a fim de não vos reunirdes para vossa condenação. Quanto ao resto, darei instruções quando chegar.

^a As primeiras eucaristias eram celebradas em ambiente doméstico, no contexto de uma refeição fraterna (*agápē*) (cf. Rm 16,23), com aquilo que cada um trazia de casa e que era chamado a partilhar, sobretudo com os necessitados. O motivo da repreensão de Paulo prende-se com o facto de, em Corinto, cada um consumir a sua porção sem a partilhar.

^b Esta fórmula pré-paulina da celebração da eucaristia é das mais antigas, muito próxima de Lc 22,17-20 e da tradição antioquena.

^c No sentido de *em favor de vós* (cf. Lc 22,19).

^d *Fazer em memória* na teologia judaica não é apenas recordar, mas tornar presente o acontecimento salvífico celebrado; neste caso, a ceia de Jesus e o carácter salvífico da sua morte e ressurreição. Cf. Lc 22,19 nota.

^e Muitos mss. não apresentam *do Senhor*.

^f Ou *distingúissemos* (mesmo verbo do v.29).

VII. OS CARISMAS (12,1-14,40)

12 Os dons do Espírito

¹Acerca dos dons espirituais^h, irmãos, não quero que fiqueis na ignorância. ²Sabeis que, quando éreis pagãos, éreis como que arrastados, levados para os ídolos mudos. ³Por isso, faço-vos saber que ninguém, que fale sob a ação do Espírito de Deus^h, diz: «Que Jesus seja anátema!»ⁱ; e ninguém pode dizer: «Jesus é Senhor!»^j, a não ser sob a ação do Espírito Santo.

⁴Há diversidade de carismas, mas o Espírito é o mesmo; ⁵há diversidade de serviços, mas o Senhor é o mesmo; ⁶há diversidade de atividades^k, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos. ⁷A cada um é dada a manifestação do Espírito para o bem comum^l: ⁸a um, por meio do Espírito, é dada a linguagem da sabedoria; a outro, a linguagem do conhecimento segundo o mesmo Espírito; ⁹a outro, a fé, pelo mesmo Espírito; a outro, o carisma para curar^m pelo único Espírito; ¹⁰a outro, o de realizar ações poderosas; a outro, a profecia; a outro, o discernimento dos espíritos; a outro, uma variedade de línguas; a outro, por fim, a capacidade de as interpretarⁿ. ¹¹Todas estas coisas, porém, as realiza o único e mesmo Espírito, que as distribui por cada um, conforme lhe apraz.

^h *Dons* é acrescento da tradução. São *espirituais*, porque provenientes do Espírito divino. Paulo começa por indicar o critério de discernimento (12,1-3); aplica-o aos principais dons (ou carismas), que apresenta na sua diversidade (12,4-11), complementaridade e unidade, servindo-se da imagem do corpo e seus membros (12,12-31); centraliza tudo no amor caritativo, de que faz o elogio (13,1-13), e nele baseia o confronto entre o dom das línguas – para alguns o único válido – e o da profecia, que é de preferir pelo seu contributo para a edificação da comunidade (14,1-25); transmite indicações práticas sobre o uso destes e de outros carismas (14,26-36); termina com exortações em que resume o tema tratado (14,37-40).

^h Lit.: *no/com Espírito de Deus* em ambas as ocorrências neste v..

ⁱ *Anátema* significa maldição (cf. Gl 1,8 nota). Com esta expressão realça-se, por contraste, a fé em Jesus.

^j É, possivelmente, a confissão de fé cristológica mais antiga entre os cristãos, que atribui a *Jesus* o título divino de *Senhor*, com que os judeus se referiam a Deus.

^k Ou *operações/realizações* (palavra que em grego tem a mesma raiz do verbo seguinte, *realiza*), tal como no v.10.

^l É nesta procura do *bem comum* que se baseiam, por um lado, a diversidade dos carismas (vv. 4-6,11), e por outro, a sua unidade e complementaridade (vv. 8-10). Na sua origem estará o amor caritativo (13,1ss).

^m Lit.: *os carismas das curas* (como no vv. 28.30).

ⁿ Lit. *interpretação de línguas*. Cf. 11,4 nota.

Membros de um só corpo

¹²Pois tal como o corpo é um só e tem muitos membros, e todos os membros do corpo, sendo muitos, são um só corpo, assim também sucede com Cristo. ¹³De facto, todos nós – judeus e gregos, escravos e homens livres – fomos batizados num só Espírito, para sermos um só corpo e a todos nos foi dado a beber um só Espírito. ¹⁴Com efeito, o corpo não é composto por um só membro, mas por muitos. ¹⁵Se o pé dissesse: «Porque não sou mão, não pertença ao corpo!», deixaria, por isso, de pertencer ao corpo? ¹⁶E se o ouvido dissesse: «Porque não sou olho, não pertença ao corpo!», deixaria, por isso, de pertencer ao corpo? ¹⁷Se todo o corpo fosse olho, onde estaria o ouvido? Se tudo fosse ouvido, onde estaria o olfato? ¹⁸Ora, Deus dispôs os membros no corpo, cada um deles conforme quis. ¹⁹Mas se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo? ²⁰Há, portanto, muitos membros, mas um só corpo. ²¹O olho não pode dizer à mão: «Não tenho necessidade de ti!»; nem a cabeça, por sua vez, pode dizer aos pés: «Não tenho necessidade de vós!». ²²Pelo contrário, quanto mais fracos parecem os membros do corpo, mais necessários são; ²³os que parecem ser os menos honrosos do corpo, são esses que rodeamos de maior honra, e aos nossos membros mais indecorosos tratamos com um maior decoro, ²⁴ainda que os nossos membros mais decorosos não tenham necessidade disso^a. Deus, no entanto, compôs o corpo dando maior honra ao que dela carece, ²⁵para que não haja divisão no corpo e, pelo contrário, os membros se preocupem, na mesma medida, uns com os outros. ²⁶Assim, se um membro sofre, todos os membros sofrem com ele; se um membro é honrado, todos os membros se alegram com ele.

²⁷Ora, vós sois corpo de Cristo e cada um, por sua parte, um dos seus membros^b. ²⁸Foi assim que Deus dispôs os que fazem parte da Igreja^c: em primeiro lugar, os apóstolos; em segundo, os profetas; em terceiro, os mestres; depois, as ações poderosas, depois, os carismas para curar, as obras de beneficência, a administração, a variedade de línguas. ²⁹Serão todos apóstolos? Serão todos profetas? Serão todos mestres? Realizarão todos ações poderosas? ³⁰Possuirão todos o carisma para curar? Falarão todos em línguas? Todos as interpretarão?

^a Lit. (vv. 23b-24): *e os nossos indecorosos têm um maior decoro, enquanto os nossos decorosos não têm necessidade*. Paulo está a pensar nos membros da comunidade socialmente mais desconsiderados e que, segundo os critérios do Evangelho, devem ser objeto de especial atenção e estima.

^b Lit.: *vós sois corpo de Cristo e membros de parte*.

^c Lit.: *os quais Deus dispôs na Igreja*.

³¹Aspirai, porém, aos carismas maiores. Aliás, vou mostrar-vos um caminho que ultrapassa tudo.

13 Hino ao amor

¹Ainda que fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor^d, sou como um bronze que ressoa ou um címbalo que retine^e.

²Ainda que tenha o dom da profecia e conheça todos os mistérios e toda a ciência, ainda que tenha toda a fé, ao ponto de mover montanhas, se não tiver amor nada sou.

³Ainda que distribuísse todos os meus bens e entregasse o meu corpo para ser queimado^f, se não tiver amor de nada me serviria.

⁴O amor é paciente, o amor é bondoso, não é invejoso, o amor não é soberbo, não é arrogante, ⁵nada faz de vergonhoso, não procura o próprio interesse, não se irrita, nem guarda ressentimento^g, ⁶não se alegra perante a injustiça, mas alegra-se com a verdade; ⁷tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, a tudo resiste.

⁸O amor jamais passará^h, ao passo que as profecias hão de acabar, as línguas calar-se-ão e o conhecimento desaparecerá. ⁹Pois é parcialmente que conhecemos e parcialmente que profetizamos; ¹⁰mas quando vier o que é perfeito, o que é parcial há de acabar. ¹¹Quando era criança, falava como criança, entendia como criança, pensava como criança; quando me tornei homem, acabei com as coisas de criança. ¹²De facto, agora vemos através de um espelho, de modo confusoⁱ; depois veremos face a face. Agora conheço parcialmente; depois conhecerei plenamente, tal como fui conhecido. ¹³Agora permanecem estas três coisas: a fé, a esperança e o amor; mas a maior delas é o amor.

^d O *amor* traduz o grego *agápê* (e o latim *caritas*), que se refere ao amor oblativo (que dá sem esperar retribuição). Trata-se da essência de Deus (1Jo 4,8.16), e é muito mais do que um carisma, pois é a própria presença de Deus no crente. Daí a centralidade do amor nesta secção da carta (12,1-14,40) e o elogio que Paulo lhe faz, em três partes complementares: começa por mostrar como ele é imprescindível em qualquer manifestação da vida cristã (13,1-3); no centro do discurso apresenta as suas características (13,4-6); termina, vincando a sua durabilidade infinita, para além dos outros carismas e virtudes, sendo por isso superior a todos deles (13,7-13).

^e O címbalo está, na Grécia, associado aos ritos orgiásticos de Cíbele e de Dioniso. Entre os gregos antigos, é constituído por dois pratos de bronze (geralmente em forma de copo) que se percutem um contra o outro.

^f Vários mss. não tão antigos, alguns da tradição latina, apresentam a variante *para eu ser queimado*.

^g Lit.: *nem conta o mal*.

^h Lit.: *O amor jamais cai*.

ⁱ Lit.: *em enigma*.

14 Os dons da profecia e das línguas

¹Procurai o amor e desejai intensamente os dons espirituais, mas principalmente o de profetizar^a. ²Com efeito, quem fala em línguas^b não fala aos homens mas a Deus; ninguém, de facto, o ouve, pois em espírito fala de coisas misteriosas. ³Porém, quem profetiza fala aos homens para sua edificação, consolação e conforto. ⁴Quem fala em línguas edifica-se a si mesmo, enquanto quem profetiza edifica a Igreja. ⁵Desejo que todos vós faleis em línguas, mas mais ainda que profetizeis. É mais importante aquele que profetiza do que aquele que fala em línguas, a não ser que as interprete para que a Igreja seja edificada.

⁶Ora bem, irmãos: se eu for ter convosco a falar em línguas, como vos poderei ser útil, se não vos falar por meio de uma revelação, ou de um conhecimento, ou de uma profecia, ou de um ensinamento? ⁷Do mesmo modo, se as coisas inanimadas que dão som, como a flauta^c ou a cítara, não produzissem sons diferentes, como se saberia o que é tocado pela flauta ou o que é tocado pela cítara? ⁸E se a trombeta produzisse um som indistinto, como haveriam os homens de se preparar para a guerra^d? ⁹Assim também vós: se, com a língua, não produzirdes um discurso claro, como poderá ser entendido o que se está a dizer? Estareis a falar para o ar. ¹⁰Apesar de existir tanta variedade de línguas no mundo, nenhuma é destituída de sentido^e. ¹¹Ora, se não conhecer o significado dos sons de uma língua, serei um estrangeiro^f para quem fala, e quem fala será um estrangeiro para mim. ¹²Assim também vós: já que andais tão ansiosos pelos dons do Espírito, procurai tê-los em abundância para a edificação da Igreja.

¹³Por isso, quem fala em línguas, que reze para as poder interpretar. ¹⁴Pois se rezo em línguas, o meu espírito reza, mas a minha inteligência permanece estéril. ¹⁵Que fazer então? Rezarei com o espírito, mas rezarei também com a inteligência; cantarei com o espírito, mas cantarei também com a inteligência. ¹⁶Caso contrário, se bendisseres apenas em espírito, como poderá o ouvinte que

^a Lit.: *sobretudo para que profetizeis*. Sobre a importância do dom da profecia, cf. 11,4 nota.

^b Lit.: *em língua* (o mesmo nos vv. 4.13.14.19.27).

^c No grego *aulós*, instrumento em que o som é produzido através de uma palheta dupla, à semelhança do que acontece com o atual oboé. O timbre era bastante mais estridente do que o da flauta moderna.

^d Lit.: *quem se preparará para a guerra?*

^e Lit.: *se for, quanta espécie de vezes há no mundo, e nada afónico*.

^f Lit.: *se não souber o poder de um som, serei um bárbaro*.

não está instruído^g dizer «amen» à tua ação de graças, visto que não percebe o que dizes? ¹⁷Com efeito, tu estás a fazer uma bela ação de graças, mas o outro não é edificado. ¹⁸Graças a Deus, falo em línguas mais do que todos vós. ¹⁹Mas em assembleia prefiro dizer cinco palavras com a minha inteligência, para que assim possa também instruir^h outros, do que dizer dez mil palavras em línguas.

²⁰Irmãos, não sejais crianças no modo de pensar; pelo contrário, sede crianças na malíciaⁱ e adultos no modo de pensar. ²¹Na Lei está escrito:

*Em outras línguas e com lábios estrangeiros^j
falarei a este povo,
e nem assim me escutarão^k, diz o Senhor.*

²²Por isso, as línguas são um sinal não para os que acreditam, mas para os não crentes; a profecia, porém, não é para os não crentes, mas para os que acreditam. ²³Assim, se toda a Igreja se reunir no mesmo lugar e todos falarem em línguas, ao entrarem os não instruídos ou os não crentes, não dirão que estais loucos? ²⁴Mas se todos profetizarem, e entrar alguém não crente ou não instruído, há de ser examinado por todos, julgado por todos: ²⁵o que está escondido no seu coração tornar-se-á de tal modo manifesto que, caindo com o rosto por terra, adorará a Deus, professando que *realmente Deus está no meio de vós*^l.

O uso correto dos dons nas assembleias

²⁶Que fazer, então, irmãos? Quando vos reunis, cada um de vós pode ter um cântico, um ensinamento ou uma revelação, pode falar em línguas ou interpretá-las^m; mas que tudo aconteça para a edificação. ²⁷Se alguém falar em línguas, que sejam dois ou três no máximo, cada um por sua vez, e que haja um que interprete. ²⁸Se não houver intérprete, que se guarde silêncio na assembleia, e cada um fale consigo mesmo e com Deus. ²⁹Quanto aos profetas, que falem dois ou três, e os outros façam o discernimento. ³⁰Porém, se algo for entretanto revelado a um dos outros que se encontram sentados, o primeiro fique em silêncio. ³¹Pois todos podeis profetizar, mas um de cada vez, para que todos

^g Lit.: *o que ocupa o lugar do não instruído*. Possível referência aos catecúmenos.

^h No grego o verbo *katēkhēō*, de onde deriva a palavra *catequese*.

ⁱ Isto é, isentos de maldade, tal como as crianças.

^j Lit. *lábios de outros*.

^k Is 28,11s.

^l Is 45,14; Zc 8,23.

^m Lit.: *cada um tem salmo, tem ensinamento, tem revelação, tem língua, tem interpretação*.

aprendam e para que todos sejam consolados.³² As inspirações^a dos profetas estão sujeitas aos profetas,³³ pois Deus não é Deus^b da desordem, mas da paz.

Como em todas as Igrejas dos santos,³⁴ que as mulheres guardem silêncio nas assembleias^c, pois não lhes é permitido falar; pelo contrário, estejam submissas, tal como diz a Lei^d.³⁵ E, se houver alguma coisa que queiram aprender, interroguem em casa os seus maridos, pois é vergonhoso para uma mulher falar na assembleia.³⁶ Ou será que foi de vós que a palavra de Deus saiu? Ou será que foi apenas a vós que ela chegou?

³⁷Se alguém, pois, pensa ser profeta ou espiritualmente agraciado^e, reconheça que aquilo que vos escrevo é um mandamento do Senhor.³⁸ Mas se alguém o ignora, será ignorado.³⁹ Portanto, meus irmãos, desejai zelosamente profetizar e não impeçais que se fale em línguas;⁴⁰ mas que tudo aconteça com decoro e com ordem.

VIII. A RESSURREIÇÃO (15,1-58)

15^{O evangelho da morte e ressurreição de Cristo}

¹Recordo-vos, irmãos, o evangelho que vos anunciei, que recebestes, no qual estais firmes^f,² e por meio do qual sois salvos, se o conservardes nos

^a Lit.: *os espíritos*.

^b *Deus* é acrescento da tradução. Paulo manifesta reservas quanto ao carisma da profecia quando entendido à maneira gnóstica, pois não contribui para o crescimento da comunidade, mas para o exaltamento pessoal. Se não edifica a comunidade, é sinal de que não se trata verdadeiramente de um dom (cf. 1Ts 5,19-22). Por isso, esse carisma deve ser sujeito à análise de outros membros da comunidade com o mesmo dom.

^c A mesma palavra (*ekklēsia*) é usada no v. anterior para se referir à comunidade cristã enquanto tal (Igreja), e à experiência concreta da reunião da comunidade na celebração litúrgica (como neste v.).

^d Este texto contradiz 1Cor 11,5, que fala da participação profética das mulheres nas assembleias litúrgicas, pelo que a investigação tende a considerar que os vv.33b-35 são uma interpolação feita pelas tradições judaizantes posteriores ao apóstolo, e que refletem o texto pós-paulino de 1Tm 2,11-14, que, por sua vez, está em conformidade com a tradição rabinica, que impede a participação plena das mulheres no serviço sinagoga (cf. *bMeg* 23a; *Hag* 3a; *Ber* 24a), e em larga medida com a mentalidade greco-romana.

^e Lit.: *espiritual*.

^f Assim introduz Paulo o último grande tema da carta, a ressurreição dos mortos, negada por alguns cristãos de Corinto (v. 12), de acordo com a mentalidade helenística dominante, em que apenas se concebia a imortalidade da alma (após a libertação do corpo). Paulo responde em duas partes: a partir da ressurreição de Cristo, testemunhada por muitos, defende a ressurreição dos mortos (15,1-34) e explica os corpos ressuscitados com analogias da natureza (15,35-58).

termos em que vo-lo anunciei^g. Caso contrário, foi em vão que acreditastes. ³Com efeito, transmiti-vos, em primeiro lugar, o que também recebi^h: que Cristo morreu pelos nossos pecados segundo as Escrituras, ⁴foi sepultado e ressuscitouⁱ ao terceiro dia segundo as Escrituras, ⁵apareceu a Cefas e depois aos Doze. ⁶Depois disso apareceu de uma só vez a mais de quinhentos irmãos, dos quais muitos ainda vivem^j, enquanto alguns já adormeceram^k. ⁷Depois disso apareceu a Tiago e depois a todos os apóstolos. ⁸Por último, como a um nascido fora de tempo, apareceu-me também a mim. ⁹Eu, de facto, sou o menor dos apóstolos, eu que não sou digno de ser chamado apóstolo, porque persegui a Igreja de Deus. ¹⁰Porém, pela graça de Deus sou o que sou, e a sua graça para comigo não foi em vão; pelo contrário, afadigámo-nos mais do que todos eles – não eu, mas a graça de Deus que está comigo. ¹¹Por conseguinte, tanto eu como eles é assim que proclamamos, e foi assim que acreditastes.

A ressurreição, fundamento da fé

¹²Ora, se se proclama que Cristo ressuscitou de entre os mortos, como é que alguns entre vós dizem que não há ressurreição dos mortos? ¹³Se não há ressurreição dos mortos, também Cristo não ressuscitou! ¹⁴Mas, se Cristo não ressuscitou, então é vã a nossa pregação, e é vã a vossa fé! ¹⁵E seríamos até considerados falsas testemunhas de Deus, porque teríamos dado testemunho contra Deus, ao dizer que ressuscitou Cristo, a quem não poderia ter ressuscitado, se, na verdade, os mortos não ressuscitam. ¹⁶É que se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou. ¹⁷E se Cristo não ressuscitou, é inútil a vossa fé; estais ainda nos vossos pecados. ¹⁸E, por conseguinte, também se perderam os que adormeceram em Cristo. ¹⁹Se esperamos em Cristo apenas para esta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens.

^g Lit.: *se conservais naquela palavra [com que] vos evangelizei*.

^h A fórmula que Paulo recorda de seguida, seria, na sua origem, um resumo da instrução preparatória do batismo e usada na sua celebração, como confissão de fé. Este constitui um dos mais antigos dados do querigma primitivo (a pregação do mistério da morte, sepultura e ressurreição de Cristo). A tradição judaica também considerava o terceiro dia como o dia da salvação (cf. Os 6,2; GnR 5b a Gn 22,4s).

ⁱ Lit.: *foi (e está) ressuscitado* (como nos vv. 12.13-17.20). Trata-se de um passivo teológico, que atribui a Deus a ressurreição. Em grego, está no perfeito, um tempo que assinala um acontecimento ocorrido no passado, cujas consequências se repercutem no presente.

^j Lit.: *alguns até agora permanecem*.

^k Os que *adormeceram* são os que morreram em Cristo (cf. 1Ts 5,10; 4,16; Ap 14,3). *Adormecer* é uma metáfora (ainda hoje) para morrer; com este verbo Paulo e os cristãos exprimem a convicção de que a morte não é o fim da vida.

²⁰Ora, Cristo ressuscitou de entre os mortos, como primícia^a dos que estão adormecidos. ²¹Pois se por um homem veio a morte, também por um homem veio a ressurreição dos mortos. ²²Com efeito, tal como em Adão todos morrem, assim também em Cristo todos serão restituídos à vida. ²³Cada um, porém, na sua própria ordem: a primícia é Cristo, depois os que são de Cristo, na sua vinda^b. ²⁴Então, será o fim, quando Ele entregar o reino a Deus Pai, depois de ter destruído todo o principado, e toda a autoridade e poder. ²⁵Pois é necessário que Ele reine até que *ponha todos os inimigos debaixo dos seus pés*^c. ²⁶O último inimigo a ser destruído será a morte^d, ²⁷pois *tudo submeteu debaixo dos seus pés*^e. Mas quando Ele disser: «Tudo está submetido», é evidente que se exceptua Aquele que tudo lhe submeteu. ²⁸E quando tudo lhe for submetido, então também Ele, o Filho, se há de submeter Àquele que tudo lhe submeteu, para que Deus seja tudo em todos.

O batismo em favor dos mortos

²⁹Se assim não fosse, o que farão os que se fazem batizar pelos mortos?^f Se realmente os mortos não ressuscitam, porque se batizam por eles? ³⁰E nós, por que razão nos sujeitamos ao perigo, a toda a hora? ³¹Todos os dias me exponho à morte^g, tão certo, irmãos, como serdes vós a glória que tenho em Cristo Jesus, nosso Senhor. ³²Se foi apenas por razões humanas que lutei contra as feras em Éfeso^h, que proveito isso me trouxe? Se os mortos não ressuscitam, *comamos e bebamos, pois amanhã morreremos*ⁱ. ³³Não vos iludais: «As más companhias

^a Para reforçar que é na ressurreição de Cristo que radica a fé dos cristãos (cf. 15,12-19), Paulo parte, em 15,20-28, do hábito da oferta a Deus dos primeiros frutos da terra – em sinal de gratidão por esses e os restantes – que, de seguida, aplica a Adão e a Cristo. São primícias em que se inclui toda a humanidade sujeita ao pecado e à morte (Adão) e liberta do pecado e da morte (Cristo).

^b Cf. Mt 24,3 nota.

^c Sl 110,1.

^d Paulo elabora uma reflexão com base numa antropomorfização da morte (cf. Sl 33,19; 49,14; Jr 9,20-22; Hab 2,5).

^e Sl 8,7.

^f Em grego, a construção *pelos mortos*, tal como em português, pode ter uma dupla leitura concomitante, ou seja, *em benefício de* ou *em vez de* (no sentido vicário) os que já morreram sem terem sido batizados. Sendo o batismo necessário para a salvação, alguns defendiam que se pudesse receber o batismo em favor (e em lugar) de alguém já falecido.

^g Lit.: *cada dia morro*.

^h Provavelmente uma metáfora para os adversários de Paulo (cf. Sl 17,12; 22,13s.17.21s; 1Pd 5,8).

ⁱ Is 22,13.

corrompem os bons costumes»^j. ³⁴Sede sóbrios, como é justo, e não pequeis, pois alguns demonstram não conhecer Deus;^k para vossa vergonha o digo.

O corpo ressuscitado

³⁵Mas alguém poderá dizer: «Como ressuscitam os mortos? Com que corpo é que voltam?»^l. ³⁶Insensato! O que tu semeias não se torna vivo, se não morrer! ³⁷E, quando semeias, não semeias o corpo que há de surgir, mas um simples grão, por exemplo de trigo, ou de qualquer outra espécie^m. ³⁸Deus, porém, dá-lhe um corpo conforme determinou, e dá a cada uma das sementes o corpo que lhe é próprio. ³⁹Nem toda a carne é a mesma carne; pelo contrário, uma é a dos homens, outra a carne dos animais, outra a carne das aves, outra a dos peixes. ⁴⁰E há corpos celestes e corpos terrestres, mas um é o brilhoⁿ dos corpos celestes, e outro o dos terrestres. ⁴¹Um é o brilho do sol, outro o brilho da lua, e outro o brilho das estrelas. E mesmo de estrela para estrela o brilho difere. ⁴²Assim é também a ressurreição dos mortos: semeado na corrupção, ressuscita na incorruptibilidade; ⁴³semeado na desonra, ressuscita na glória; semeado na fraqueza, ressuscita cheio de força^o; ⁴⁴semeado corpo natural^p, ressuscita corpo espiritual.

Se há um corpo natural, também há um corpo^q espiritual. ⁴⁵Assim está escrito: *O primeiro homem, Adão, tornou-se uma alma vivente*^r; o último Adão, um espírito que dá vida. ⁴⁶Todavia, o primeiro corpo^s não foi o espiritual mas o natural; só depois veio^t o espiritual. ⁴⁷O primeiro homem, provindo da terra,

^j Paulo cita o comediógrafo Menandro (sécs. IV-III a.C.), no seu *O Misanthropo (Dýskolos)*, 741, naquela que é a única citação que, nas suas cartas, faz de autores clássicos. A esta podemos acrescentar a citação de Arato de Solos usada no discurso do apóstolo em At 17,20ss..

^k Lit.: *pois alguns têm ignorância de Deus*.

^l Esta foi, provavelmente, a questão que, em Corinto, levou à negação de que os mortos ressuscitam. Em resposta, Paulo começa por – com base nas diferentes espécies de corpos (num sentido amplo) existentes na natureza – expor as diferenças entre o *corpo espiritual* e o simplesmente *natural* (15,36-44b).

^m Lit.: *ou de algum dos restantes*.

ⁿ O mesmo termo grego *dóxa* significa *brilho* (vv.40s) e *glória* (v.43).

^o Lit.: *em poder*.

^p Lit.: *corpo psíquico*; cf. 2,14 nota.

^q *Corpo* é acrescento da tradução.

^r Gn 2,7. A apocalíptica judaica garantia a Adão um lugar proeminente na escatologia (1En 85-90; ApMos 21,6; 39,2; 41,1-3).

^s *Corpo* é acrescento da tradução.

^t *Veio* é acrescento da tradução.

é terreno; o segundo homem proveio do céu.⁴⁸ Tal como o homem^a terreno, assim também são os homens terrenos; tal como o celeste, assim também são os celestes.⁴⁹ E da mesma forma como trouxemos em nós a imagem do homem terrestre, traremos também a imagem do celeste.

⁵⁰ Isto vos afirmo, irmãos: a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herda a incorruptibilidade.⁵¹ Eis que vos dou a conhecer^b um mistério: nem todos morreremos^c, mas todos seremos transformados,⁵² num instante, num abrir e fechar de olhos, ao som da trombeta final^d; pois a trombeta soará e, então, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados.⁵³ Com efeito, é necessário que este corpo corruptível se revista de incorruptibilidade, e que este corpo^e mortal se revista de imortalidade.⁵⁴ E quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade, e este corpo mortal se revestir de imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita:

A morte foi engolida na vitória^f.

⁵⁵ *Onde está, ó morte, a tua vitória?*

Onde está, ó morte, o teu aguilhão?^g

⁵⁶ O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei.⁵⁷ Graças sejam dadas a Deus, que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo!⁵⁸ Por isso, meus amados irmãos, sede firmes, inabaláveis, abundando sempre na obra do Senhor, sabendo que a vossa fadiga no Senhor não é em vão.

CONCLUSÃO (16,1-24)

16^a coleta para Jerusalém

¹ Acerca da coleta para os santos^h, faizei também vós o que ordenei às Igrejas da Galácia. ² No primeiro dia da semana, cada um de vós ponha de par-

^a *Homem* é acrescento da tradução neste e no v. seguinte.

^b Lit.: *digo*.

^c No grego *adormeceremos* (cf. 15,6 nota).

^d Usada na guerra (cf. Jb 39,24-25), a trombeta também faz parte das teofanias e do imaginário apocalíptico (cf., por ex., Ex, 19,9,20; Dt 4,10-14; 5,1-5; Jl 2,1; Sf 1,16; 4Esd 6,23).

^e *Corpo* é acrescento de tradução neste v. e no seguinte.

^f Is 25,8.

^g Os 13,14.

^h *A coleta*, da parte das comunidades fundadas por Paulo em favor dos cristãos (ou *santos* – cf. 1,2 nota) de Jerusalém, tinha sido acordada no encontro apostólico aí realizado, como sinal da unidade entre todas as comunidades e, possivelmente, por causa das dificuldades materiais pelas quais a de Jerusalém estava a passar (cf. Gl 2,10; 2Cor 8-9; Rm 15,25-27).

te o que conseguir juntar em sua casa, para que, quando eu aí for, não se façam coletas. ³Quando eu chegar, enviarei, com uma carta minhaⁱ, aqueles que tiverdes considerado idóneos para levarem a vossa dádiva^j a Jerusalém. ⁴Mas se for conveniente que também eu vá, irão comigo.

Planos de viagem

⁵Irei ter convosco quando tiver atravessado a Macedónia - o que estou a fazer neste momento^k. ⁶É possível que permaneça convosco, ou até que passe o inverno, para que vós me providencieis o necessário para a viagem^l. ⁷Com efeito, desta vez não vos quero apenas ver de passagem, mas espero permanecer algum tempo convosco, se o Senhor permitir. ⁸Permanecerei, porém, em Éfeso até ao Pentecostes, ⁹pois abriu-se-me uma porta larga e eficaz^m, e os opo- sitores são muitos.

¹⁰Se, entretanto, Timóteo chegar, tomai cuidado para que esteja convosco sem receio, pois trabalha, como eu, na obra do Senhorⁿ. ¹¹Portanto, que ninguém o despreze. Pelo contrário, em paz, providenciai-lhe o necessário para que venha ter comigo, pois estou à espera dele, com os irmãos. ¹²Acerca do irmão Apolo, muito o exortei para que, com os irmãos, fosse ter convosco; mas o seu desejo não era de modo algum ir agora. Irá, sim, quando for oportuno.

Recomendações finais

¹³Vigiai, permaneci firmes na fé, sede corajosos^o, sede fortes. ¹⁴Que, entre vós, tudo se faça com amor.

¹⁵Deixo-vos, ainda, irmãos, uma exortação. Sabeis que os da casa de Estéfanos^p são a primícia da Acaia, e que eles se têm dedicado ao serviço dos santos. ¹⁶Subordinai-vos também vós a eles e a todo aquele que colabora e se afadiga. ¹⁷Alegro-me com a vinda de Estéfanos, de Fortunato e de Acaico, porque

ⁱ Lit.: *por cartas*.

^j Lit.: *a vossa graça*.

^k Lit.: *pois estou a atravessar a Macedónia*.

^l Lit.: *para que vós me providencieis/acompanheis para onde quer que vá*.

^m Mesma imagem usada em 2Cor 2,12 e Cl 4,3, referindo-se às oportunidades para a evangelização.

ⁿ Lit.: *opera a obra do Senhor*.

^o Ou *comportai-vos como homens*.

^p Um dos primeiros convertidos da comunidade de Corinto, que foi batizado por Paulo (1,16; cf. At 17,34).

eles colmataram a vossa ausência; ¹⁸de facto, tranquilizaram o meu espírito e o vosso^a. Mostrai-vos, por isso, reconhecidos para com eles.

Saudações e votos conclusivos

¹⁹Saúdam-vos as Igrejas da Ásia. Saúdam-vos, intensamente no Senhor, Áquila e Prisca^b, juntamente com a Igreja que se reúne em casa deles^c. ²⁰Saúdam-vos todos os irmãos. Saudai-vos uns aos outros com o beijo santo.

²¹A saudação foi escrita com a minha própria mão: Paulo^d. ²²Se alguém não é amigo do Senhor, seja anátema. *Marána thá!*^e. ²³A graça do Senhor Jesus esteja convosco. ²⁴O meu amor está^f com todos vós, em Cristo Jesus!

^a Estevão, Fortunato e Acaico terão sido, provavelmente, os portadores quer da carta referida em 7,1, quer da presente.

^b Expulsos de Roma, Áquila e Prisca (Priscila em At 18) foram para Corinto e receberam Paulo em sua casa (cf. At 18,2.8.26), depois de este ter passado por Atenas.

^c *Reúne* é acresceto da tradução. A expressão, típica de Paulo, refere-se à Igreja doméstica, pois as primeiras comunidades começaram por se reunir na casa de um dos seus membros (cf. At 2,42-46).

^d *Foi escrita* é acresceto da tradução. Paulo, tal como era costume na antiguidade, parece ter ditado a carta a um escriba, escrevendo pela própria mão apenas a saudação, como prova de autenticidade e talvez como sinal de afeto.

^e Expressão aramaica que significa *Senhor nosso, vem!* Nasceu, provavelmente, nas celebrações litúrgicas da primitiva comunidade palestinese. Dirigida a Jesus, reconhece, com o título de *Senhor*, a sua condição divina.

^f Ou *esteja* (o verbo não está expresso em grego, tal como no v. anterior).